UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA
PROLAM/USP

JOÃO RANGEL MARCELO

LOUVADO SEJA!

MARCAS DE UMA RELIGIOSIDADE LATINOAMERICANA

SÃO PAULO
2016

JOÃO RANGEL MARCELO

LOUVADO SEJA!

MARCAS DE UMA RELIGIOSIDADE LATINOAMERICANA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Integração da América latina PROLAM/USP para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Integração da América Latina.

Área de concentração: Comunicação e Cultura
Orientadora: Profª. Drª. Dilma de Melo Silva.

PROLAM/USP
São Paulo
2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

João Rangel Marcelo

LOUVADO SEJA!
MARCAS DE UMA RELIGIOSIDADE LATINOAMERICANA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Integração da América latina PROLAM/USP para a obtenção do título de Doutor em Ciências de Integração da América Latina.

Área de concentração: Comunicação e Cultura

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.____

Instituição__________________________Assinatura_________________________

Prof. Dr.____

Instituição__________________________Assinatura_________________________

Prof. Dr.____

Instituição__________________________Assinatura_________________________

Prof. Dr.____

Instituição__________________________Assinatura_________________________

Prof. Dr.____

Instituição__________________________Assinatura_________________________

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Jair Marcelo. Eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Adriana Rodrigues, companheira, cúmplice e girassol...

Ao meu filho, João Vítor, pelos ensinamentos e por me ajudar a entender esse mundo diverso e plural que hoje me cerca.

Especial agradecimento à minha orientadora, Profª. Drª. Dilma de Melo Silva, pelos ensinamentos, pela gratuidade e disposição e pela ajuda na condução desta trajetória.

Aos meu grande amigo e colega de trabalho e profissão, Aguinaldo de Jesus, pela lealdade e apoio nas horas mais incertas.

A José Cordeiro, companheiro e amigo fiel que compartilha essa jornada desde 1995, encorajando, apoiando e repartindo sua experiência e ética em todas as coberturas jornalísticas que realizamos.

Ao amigo Douglas Mansur pela força e exemplo de vida que me ensinaram que o jornalista tem que ter uma ideologia e defendê-la com ética e profissionalismo.

Especialmente ao PROLAM/USP pelo esforço de integração da América Latina.

EPÍGRAFE

Me disseram, porém, que eu viesse aqui, pra pedir em romaria e prece, paz nos desalentos. Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar.

Renato Teixeira

RESUMO

MARCELO, J.R. **Louvado seja! Marcas de uma religiosidade latinoamericana**, 2016. 164 p. Tese (Doutorado). Programa de Integração da América Latina PROLAM/USP, 2016.

Em uma história forjada por lutas pela libertação e contra a dominação de estrangeiros e colonizadores, a cultura latino-americana é repleta de um sentimento religioso que pode ser expresso nas mais diversas formas de relação do homem com o sagrado. Independente das raízes religiosas - catolicismo, judaísmo, protestantismo, candomblé, santeria ou qualquer outra denominação - é evidente em toda a América Latina uma religiosidade que transcende as barreiras de idioma e espaço geográfico. Nosso continente se une culturalmente por meio de um sentimento religioso expresso nas mais variadas manifestações originárias do catolicismo e imposta por portugueses e espanhóis, mas que encontrou em toda a América Latina um ambiente favorável e acolhedor, no qual se desenvolveu significativamente. Ao longo de todos esses séculos, a consolidação dessas devoções, principalmente a devoção mariana solidificou-se, tornando as barreiras geográficas, históricas ou de comunicação, conseqüente de idiomas diferentes, insuficientes para impedir a integração cultural baseada na fé e na religiosidade popular. Segundo Kossoy (2002), desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos. Com base na afirmação do autor, esse trabalho será conduzido pensando a fotografia como forma de registro documental e contribuição para o processo de comunicação e memória, pois, muito mais que nos textos sagrados ou nas análises acadêmicas, é nas imagens das celebrações devocionais, nas caminhadas dos peregrinos ou nos olhares carregados de fé e aflição que se revela a verdadeira devoção do povo latino-americano. O fio condutor dessa pesquisa baseia-se na abordagem de fragmentos das realidades presentes nos templos e demais locais sagrados, estabelecendo uma narrativa visual, tendo na fotografia a forma de comunicação e o registro documental, objetivando a interpretação da realidade, a partir do ponto de vista do autor, respeitando, contudo o momento histórico e as particularidades das manifestações religiosas.

Palavras chave: Religiosidade, devoção, fé, fotografia, cultura

ABSTRACT

MARCELO, J.R. **Praise! Trademarks of a religiosity latinoamericana, 2016. 164 p. The thesis (Dissertation). Program for the Integration of Latin America PROLAM/USP, 2016.**

In a history forged by struggles for liberation and against the domination of foreigners and settlers, the Latin American culture is full of a religious sentiment that can be expressed in various forms of man's relationship with the sacred. Regardless of the religious roots - Catholicism, Judaism, Protestantism, Candomble, Santeria or any other denomination - is evident throughout Latin America a religiosity that transcends language barriers and geographical space. Our continent is united culturally by a religious sentiment expressed in various manifestations originating from Catholicism and imposed by Portuguese and Spanish, but found throughout Latin America a supportive and welcoming environment in which developed significantly. Throughout all these centuries, the consolidation of these devotions, especially Marian devotion solidified, making the geographical, historical or communication barriers, resulting in different languages, insufficient to prevent cultural integration based on faith and popular religiosity. According Kossoy (2002), since its inception and throughout its history, to this day, photography has been accepted and used as definitive proof, 'witness to the truth' the fact or facts. Based on the author's statement, this work will be conducted considering photography as a form of documentary record and contribution to the communication and memory process, therefore, much more than in the sacred texts or in academic analysis, it is the images of devotional celebrations in walks of pilgrims or the looks laden with faith and distress that reveals the true devotion of the Latin American people. The thread of this research is based on the approach of the present realities fragments in temples and other holy sites, establishing a visual narrative, and the picture the way of communication and the documentary record, in order to interpret reality from the point of views of the author, subject, however the historical moment and the peculiarities of religious manifestations.

Keywords: religiosity, devotion, faith, photography, culture

RESUMEN

MARCELO, J.R. **Alabado! Las marcas de una religiosidad latinoamericana,** 2016. 164 p. la tesis (tesis doctoral). Programa para la Integración de América Latina PROLAM/USP, 2016.

En una historia forjada por las luchas por la liberación y contra la dominación de los extranjeros y de los colonos, la cultura de América Latina está llena de un sentimiento religioso que puede ser expresado en diversas formas de la relación del hombre con lo sagrado. Independientemente de las raíces religiosas - Catolicismo, Judaísmo, el protestantismo, el candomblé, la santería o cualquier otra denominación - es evidente en toda América Latina una religiosidad que trasciende las barreras del idioma y el espacio geográfico. Nuestro continente está unido culturalmente por un sentimiento religioso expresado en diversas manifestaciones procedentes de catolicismo y impuesto por el portugués y el español, pero se encontró en toda América Latina un entorno propicio y acogedor en el que se desarrolló de manera significativa. A lo largo de todos estos siglos, la consolidación de estas devociones, en especial la devoción mariana solidificó, por lo que las barreras geográficas, históricas o de comunicación, lo que resulta en diferentes idiomas, insuficiente para impedir la integración cultural basada en la fé y la religiosidad popular. Según Kossoy (2002), desde su creación y a lo largo de su historia, hasta nuestros días, la fotografía ha sido aceptada y utilizada como una prueba definitiva, 'testimonio de la verdad' del hecho o de los hechos. Sobre la base de la declaración del autor, esta obra se llevará a cabo teniendo en cuenta la fotografía como una forma de registro documental y la contribución al proceso de la comunicación y de la memoria, por lo tanto, mucho más que en los textos sagrados o en el análisis académico, es que las imágenes de las celebraciones devocionales paseos de peregrinos o las miradas cargadas de fe y la angustia que revela la verdadera devoción de los pueblos latinoamericanos. El hilo de esta investigación se basa en el enfoque de los fragmentos de la realidad actual en templos y otros lugares sagrados, el establecimiento de una narrativa visual, y la imagen de la forma de la comunicación y el registro documental, con el fin de interpretar la realidad desde el punto de de vista del autor, respectando, sin embargo, el momento histórico y las peculiaridades de las manifestaciones religiosas.

Palabras clave: Religiosidad, devoción, fe, fotografía, cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

> (...) As artes permitem aos homens manifestarem uma série de valores que só podem ser apreendidos e notados por um sistema autônomo de conhecimento e de atividade. As representações expressas pelas obras de arte, por sua vez, nos remetem para as formas de pensamento e representações visuais que uma sociedade faz de si mesma e das demais. A imagem plástica vai direto ao cérebro sem exigir intermediário verbal. Ou seja: nunca uma descrição vai poder dar conta de uma imagem. Completando o provérbio, eu diria que uma imagem não vale só por mil palavras; vale muitas outras coisas que as palavras não transmitem. (Toral, 2001, p. 25)

A abordagem de um tema religioso em minha pesquisa é quase uma causa natural. Nasci em Aparecida, no estado de São Paulo, sede do maior Santuário Mariano do mundo. Fui educado no Catolicismo, sendo coroinha e quase seminarista salesiano. Aos onze anos, já trabalhava na Rádio Aparecida, a maior emissora católica da América Latina. Aos dezessete, já cursando Jornalismo, me afastei da cidade e de toda a movimentação de romeiros e peregrinos. Daí por diante, minha vida tomou rumos próprios e acabei me afastando ainda mais do Santuário e da cidade de Aparecida. No entanto, em 1994, aos 24 anos, já atuando como fotojornalista, tive que voltar a Aparecida e registrar eventos religiosos significativos para aquele momento. Dessa época em diante, passei a frequentar novamente o Santuário e seus arredores. Desde então, colecionei mais de 20 mil imagens que retratam a fé e a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

A cultura é um tesouro pacientemente acumulado, lembra Francastel (1965).

Após o mestrado, senti a necessidade de desenvolver um trabalho com maior profundidade, podendo registrar as devoções, os peregrinos - e os rituais de fé - e o encontro com o divino em santuários e outros locais sagrados e estabelecer um ponto comum que unisse culturas de diferentes países em torno do mesmo sentimento religioso, revelando, dessa maneira, a integração que perseguimos em nossos estudos e ações.

A história da América Latina foi e continua sendo forjada por lutas pela libertação, inclusão e contra a dominação de estrangeiros e colonizadores. Somos miscigenados e diversos, plurais e particulares, expoentes e excluídos. Resultado disso é que a cultura latino-americana sempre será sujeito de estudos e pesquisas, teorias e reflexões. Estudos preliminares apontam que um dos traços culturais possíveis de se identificar é o sentimento religioso que pode ser expresso nas mais diversas formas de relação do homem com o sagrado. Independente das raízes religiosas - catolicismo, judaísmo, protestantismo, candomblé, santeria ou qualquer outra denominação - é evidente em toda a América Latina uma religiosidade que transcende as barreiras de idioma e espaço geográfico.

A religiosidade latino-americana é resultado de um processo que mesclou culturas e civilizações, já existentes no Novo Mundo, com a colonização e dominação imposta pelos países europeus, sem, é claro, deixar de considerar a importantíssima herança legada pelos povos de origem africana trazidos para cá no vergonhoso período ecravocrata.

Espanha e Portugal, sob a alegação de que a catequese tinha um propósito de salvar almas, deram início também um processo civilizatório.

> É na perspectiva desse resultado e nessa herança histórica que, por exemplo, a moderna missão jesuítica se implementa na interação entre poder espiritual e poder temporal, entre Fé e Império, para atuar em função do imperativo a fim de alargar o Orbis Cristianus: imperativo que, dada sua dependência e complementaridade, se impunha tanto ao poder político quanto àquele eclesiástico. (AGNOLIN, 2013, p. 272)

Sendo assim, o propósito das missões cristãs no continente Latino Americano não se fundamente apenas na catequese e na 'salvação das almas pagãs', mas na organização social e hierárquica dos povos autóctones e transplantados, contribuindo desta maneira para a consolidação dos domínios de Portugal e Espanha sobre as terras recém descobertas do Novo Mundo.

Esse processo lento, contínuo, cotidiano e, inúmeras vezes doloroso, está na base da formação de uma religiosidade popular que atravessa séculos e fronteiras.

A América Latina se une culturalmente por meio desse sentimento religioso expresso nas devoções originárias do catolicismo, principalmente o culto mariano e os santos, que encontrou aqui um ambiente favorável e acolhedor, no qual se desenvolveu significativamente.

Paraguai, 2005

Ao longo de todos esses séculos, as representações devocionais solidificaram-se, tornando as barreiras geográficas, históricas ou de comunicação, consequente de idiomas diferentes, insuficientes para impedir a integração cultural baseada na fé e na religiosidade popular.

> Pode-se dizer que esta constelação de termos – “devoto”, “santo”, “festa”, “peregrinação”, “promessa”, “milagre” e “castigo”- constituem as palavras geradoras da experiência religiosa fundante da América Latina. E, por isso, a maioria dos católicos populares do continente a emprega para viver sua própria fé em Cristo. Sem dúvida, eles devem ser considerados cristãos, porque creem que Jesus é o Filho de Deus e que morreu na cruz para salvar os homens. Mas, expressam sua fé em Cristo a partir de sua experiência religiosa fundante da hierofania do “santo”, à diferença de outros setores da Igreja que partirão da hierofania do “livro” (a Bíblia) ou do “pobre”. Por isso, os católicos populares costumam viver sua fé cristã através da mediação da devoção aos santos Cristos dos milagres e das festas, que é perfeitamente válida, ainda que deva ser completada por outras mediações, e que é herança da vida quotidiana da Igreja colonial. (MARZAL apud DUSSEL, 1992, p.120)

As notícias apresentadas nos jornais, revistas, televisão, rádios e internet sobre o número de fiéis e devotos que participam dos mais variados eventos religiosos por todo o continente são capazes de confirmar essa religiosidade que se manifesta nas mais variadas formas, sejam tradicionais ou contemporâneas.

No entanto, essa religiosidade, com alguns aspectos típicos de cada país, não foi explorada suficientemente como possível meio de integração do continente. A integração cultural, tendo como base a religião e, principalmente o catolicismo popular e o culto mariano, ainda não penetrou nos círculos intelectuais ou nos meios acadêmicos como deveria, tendo como parâmetro a participação dos milhões de peregrinos, muitas vezes de diferentes países da América Latina, que frequentam as festividades e celebrações nas ruas e nos Santuários.

Os estudos que abordam a religiosidade popular na América Latina, na maioria dos casos são baseados em textos regidos pelo formalismo do discurso científico estratificado e inflexível, nos quais o pesquisador procura manter o proclamado distanciamento do ‘objeto’, como forma de manter a ‘neutralidade’ de sua pesquisa.

Em oposição ao exposto acima, este trabalho é conduzido pensando a fotografia como forma de registro documental e contribuição para o processo de comunicação e memória, pois, muito mais que nos textos sagrados ou nas análises acadêmicas, é nas imagens das celebrações devocionais, nas caminhadas dos peregrinos, nas festas e cultos ou nos olhares carregados de fé e aflição que se revela a verdadeira devoção do povo latino-americano.

Segundo Kossoy (2002), desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos.

A captura desses momentos e a sua fixação na imagem fotográfica pretendem mostrar, numa narrativa visual, um fragmento da religiosidade cristã, particularmente a católica, na América Latina, após 500 anos de colonização.

> Toda e qualquer imagem contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente inacessível fisicamente e que se confunde com a primeira realidade em que se originou.
> A imagem fotográfica é, por um único momento, parte da primeira realidade: o instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro (...). (Kossoy, 2001, p. 36)

A fim de esclarecer possíveis leitores, esse trabalho inicia-se apresentando o uso da fotografia como narrativa, discorrendo sobre a construção dos sentidos e da memória, explicitando alguns elementos da fotografia documental e aspectos mais relevantes no trabalho do fotógrafo que busca uma linguagem específica, sem deixar de se preocupar com a questão de uma produção que possa servir de registro histórico de um fragmento do espaço e do tempo. Essa escolha implica em evidenciar o caráter objetivo dos acontecimentos, sem deixar de lado a estética e a técnica, procurando interferir o menos possível na realidade primeira da situação.

Em uma história construída por séculos de domínios estrangeiros, processos civilizatórios baseados na conquista e na catequização, refletir sobre uma identidade latino americana é um exercício que envolve um universo plural, diverso, multicolorido e carregado de sentimentos e características multifacetadas e simbólicas, dispersas por todo o imenso continente que forma a América Latina.

Estamos marcados por esse sentimento religioso desde os primeiros habitantes deste continente, até o processo de colonização, e a consequente evangelização cristã, perpassando pela introdução dos africanos escravizados, das ondas migratórias europeias, o nascimento do sincretismo entre xamanismo e cristianismo, até o surgimento das seitas neopentecostais e a introdução das religiões orientais, como o Hare Krishina, o Budismo, etc.

Essas marcas, presentes em todo o continente americano, e não só na América Latina, são facilmente identificáveis no cotidiano das áreas rurais ou nas grandes metrópoles. E vão desde às visitas e peregrinações aos templos até os atos particulares realizados nas residên-

cias ou nos objetos, tatuagens e adereços pessoais, carregados de simbolismo e representação do sagrado.

> Por "marca" é preciso entender uma combinação objetiva entre uma prática e um signo, um ponto de interseção entre a linguagem da sociedade e a enunciação de uma fé – em suma, uma maneira efetiva de ultrapassar a ruptura entre uma e outra. A "marca" pode ser um milagre, um "refúgio", um personagem sacerdotal ou carismático, uma devoção, um gesto sacramental, etc. De qualquer modo, ela focaliza a expressão religiosa em gestos particulares. (CERTEAU, 1982, p. 152)

Brasil, 2016

Brasil, 2016

A produção de uma iconografia que possa representar um fragmento dessa religiosidade torna-se o objetivo deste trabalho, procurando aliar os aspectos históricos da formação dessas devoções, suas particularidades e seus simbolismos à força inerente das imagens que, em muitos casos, por si só superam a técnica e a experiência profissional deste autor.

Para contextualizar a origem das devoções, no segundo capítulo abordamos a herança religiosa como parte da experiência mísitca e revelação do sagrado nos atos de fé. Esses elementos, muitas vezes incompreendidos ou pouco esclarecidos na formação religiosa de nosso povo, têm papel preponderante nas manifestações, nas devoções e na catequese popular tão presente nas cerimônias, nos ritos e nas práticas religiosas que compõem o cotidiano do povo latino-americano.

No terceiro capítulo, um relato sobre a importância do culto mariano na disseminação da fé e da consolidação do catolicismo na América Latina, sua importância para a igreja e o modo como foi acolhido pelos habitantes de nosso continente, entrelaçado com a miscigenação e a imposição de um catolicismo oficial pelas coroas espanhola e portuguesa, representado nos santuários marianos de Cuba, Paraguai e Brasil, revelando os fragmentos devocionais que comprovam o processo de integração religiosa que está presente nos países abordados e que se repete em todos os outro que compõem nosso continente. As imagens captadas durante as visitas aos santuários, festas religiosas e locais sagrados nos últimos anos formam um conjunto de registros visuais e depoimentos que permitem perceber as semelhanças culturais e religiosas presentes nas celebrações e peregrinações dos devotos.

Nas considerações finais, são apresentados os resultados dessa pesquisa, bem como uma análise das imagens captadas, que poderão servir de aprofundamento nos estudos do processo de integração da América latina.

Brasil, 2016

1. O uso da fotografia como narrativa documental

> *Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. (KOSSOY, 2001, p.36).*

Segundo Kossoy (2002), desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, 'testemunho da verdade' do fato ou dos fatos.

Pelas próprias características das culturas latino-americanas, as formas de representação visuais são muito mais efetivas e próximas do entendimento popular que a linguagem escrita. O que se comprova pela variada produção artística religiosa, representada nas imagens, nos ex-votos e nos retratos fotográficos existentes nas casas, nas comunidades, nos templos, igrejas e 'salas dos milagres', espalhadas por todo nosso continente.

Brasil, 2015

Brasil, 2016

Brasil, 2010

Em um trabalho como este, o registro documental feito com as fotografias dessas manifestações devocionais e do momento da contemplação ou do êxtase de sentir-se ligado ao sagrado, tem um grande valor. E a fotografia é um intrigante documento visual, cujo conteúdo é, a um só tempo, revelador de informações e detonador de emoções.

Nos rostos, gestos, atos devocionais e demais simbolismos presentes nas práticas religiosas e nos arredores dos templos e santuários, é possível identificar a religiosidade e o valor que os povos latino-americanos dão a ela. Porém, mais que o ser humano, também é importante a percepção de suas ações e a importância que o sentimento religioso adquiriu na construção das sociedades atuais, separadas pelas divisões geopolíticas, mas unidas por questões sócio-antropológicas que transpõem barreiras geográficas e estratos sociais.

O meu universo de pesquisador está focado na mística do olhar, na contemplação e nas formas de demonstração dos atos devocionais presentes no Cristianismo, representado fortemente pelo catolicismo popular, explorando e investigando os elos de nossa matriz religiosa, a fim de estabelecer o processo de integração cultural, oriundo de uma mesma raiz: a colonização europeia.

Cuba, 2014

O pesquisador contemporâneo não pode mais pensar em uma pesquisa baseada apenas na observação imparcial, neutra, distante. É preciso a interação, o ‘sentir o cheiro’, ‘saborear os gostos’, experimentar. Mas, como produzir uma narração destes sentimentos? Como descrever os sentidos afetados pelo momento ou pelas manifestações religiosas?

O objetivo principal do meu estudo é reunir imagens, depoimentos e bibliografia para traçar uma linha de semelhança da devoção religiosa nos locais apresentados, explorando a força da imagem documental na descoberta e preservação de uma cultura que muito contribuiu para a manutenção das tradições dos povos da América Latina e, ao mesmo tempo, refletir sobre a importância da documentação fotográfica como instrumento para a formação e preservação de culturas e tradições.

A base deste trabalho é a iconografia fotográfica produzida por este autor, sob um olhar documental que visava recolher fragmentos representativos da religiosidade, da devoção, dos sacrifícios e dificuldades e das condições de vida dos fiéis que se espalham pelos locais onde foram coletadas as imagens e os dados para a pesquisa.

Em cada templo, local sagrado ou festa religiosa, o devoto ou o homem religioso se apresenta em toda sua entrega aos desígnios de Deus ou do divino. São expressões de fé, de abnegação, de caridade, de angústia, de louvor, de agradecimento, que tornam cada gesto em um momento solene e particular de contato com o que de mais sublime pode ocorrer na vida de quem carrega os ensinamentos, as tradições e as marcas (CERTEAU, 1982) de uma religiosidade que se integra a todo o processo de identidade na América Latina.

Brasil, 2015

Cuba, 2014

Brasil, 2014

Brasil, 2014

A fotografia, como registro documental, e por ser uma linguagem universal, torna-se, portanto, a forma de expressão que não necessita de intermediários e é capaz de retratar e transmitir com mais eficiência os aspectos devocionais, os olhares e a contemplação do homem diante do sagrado.

Esse registro é feito a partir da visão do fotógrafo e, consequentemente, traduz-se em uma segunda realidade, que, mesmo sofrendo essa interferência, assume um papel principal na perenização do registro, tornando-o fonte valiosa para pesquisas futuras e entendimento de partes do processo histórico de uma pequena parte da América Latina.

Segundo Jorge Pedro Souza, em seu livro “Uma história crítica do fotojornalismo ocidental”, podemos considerar o aparecimento do fotojornalismo logo no começo da difusão da arte e técnica da fotografia. Essa precocidade da utilização da fotografia para registros documentais da vida cotidiana e dos grandes acontecimentos gerou o que podemos classificar como um instrumento que permitiria reproduzir a realidade dos fatos.

> Em meados da década de 50 do século XIX, a fotografia já havia se beneficiado dos avanços técnicos, químicos e óticos que lhe permitiram abandonar os estúdios e avançar para a documentação imagética do mundo com o ‘realismo’ que a pintura não conseguia. A fotografia beneficiava-se também das noções de ‘prova’, ‘testemunho’ e ‘verdade’, que à época lhe estavam profundamente associadas e que a credibilizavam como ‘espelho do real. (SOUZA, 2000, p. 33)

Podemos afirmar, então, que desde os primórdios da invenção da fotografia, no século XIX, a fotografia documental está presente nas proposições dos fotógrafos que abandonaram os estúdios e passaram a registrar o cotidiano de sua vizinhança, cidade ou país. É claro que a rudimentaridade dos equipamentos e a falta de tecnologia que permitisse flexibilidade e rapidez de gravação de imagens atrasou um pouco o desenvolvimento dessa linguagem.

No entanto, não tardou para que a fotografia fosse introduzida na imprensa e passasse a ser um elemento fundamental na compreensão e visibilidade dos fatos cotidianos ou extraordinários presentes nas páginas das publicações impressas com diferentes periodicidades.

> La introducción de la foto en la prensa es un fenómeno de capital importancia. Cambia la visión de las masas. Hasta entonces, el hombre común solo podía visualizar los acontecimientos que ocurrían a su vera, en su calle, en su pueblo. Con la fotografía se abre una ventana al mundo. Los rostros de los personajes públicos, los acontecimientos que tienen lugar en el mismo país y allende las fronteras se vuelven familiares. Al abarcar más la mirada, el mundo se encoge. La palabra escrita es abstracta, pero la imagen es el reflejo concreto del mundo donde cada uno vive. (FREUND, 1993, p. 96.)

Há um paradoxo intrigante quando se inclui a produção fotográfica como tema de estudo e reflexão nos meios acadêmicos, imbuídos da preocupação em analisar o processo de comunicação que na maioria das vezes contemplam aspectos formais de interpretação e análise semiótica ou semiológica, sem considerar as características de produção inerentes à profissão de fotógrafo.

> Al mismo tiempo que cobra mayor importancia dentro del llamado mundo de la comunicación el fotoperiodismo como una actividad artística e informativa, de crónica social y memoria histórica, los periódicos modernos toman con mayor seriedad la foto, como componente esencial de la información y ala opinión. Sin embargo, esta atención empresarial por la ‘imagen de la noticia’, que en cierto modo responde también a la demanda de los lectores cuyas expectativas formales de información se hallan fuertemente influenciadas por la comunicación audiovisual, no se corresponde con el interés de los estudiosos de la comunicación. (VILCHES, 1997. p. 13)

Para se entender esse processo de produção fotográfica, é necessário primeiro entender quais os principais elementos que compõem o dia-a-dia desse trabalho que abrange os mais diferentes segmentos e engloba linguagens e técnicas das mais variadas vertentes.

Historicamente, o termo fotografia documental representa uma denominação genérica, onde se inclui uma grande variedade de temas fotográficos. O mais expressivo deles é o fotojornalismo, pois, devido à sua abrangência e divulgação midiática, representa uma produção diária, diversa e capaz de atingir grandes audiências.

> A história do fotojornalismo é uma história de tensões e rupturas, uma história do aparecimento, superação e rompimento de rotinas e convenções profissionais, uma história de oposições entre a busca da objetividade a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão, entre o matizado e o contraste, entre o valor noticioso e a estética, entre o cultivo da pose e o privilégio concedido ao espontâneo e à ação, entre a foto única e as várias fotos, entre a estética do horror e outras formas de abordar temas potencialmente chocantes e entre variadíssimos outros fatores. (SOUZA, 2000, p. 14).

Levando em consideração esse sentido 'latu' da fotografia documental, é complexa a afirmação da existência de uma linguagem própria desse meio. Podemos dizer que a produção documental percorre todos os meios de produção fotográfica, concebendo em suas imagens o caráter informativo, por vezes privilegiando o que deve ser de interesse de uma coletividade, no deixando de lado as preocupações quanto ao rigor estético ou técnico.

É nesse sentido que a documentação fotográfica nos santuários e locais sagrados busca estabelecer uma forma de registro que contemple vários momentos presentes na manifestação popular, no modo de devoção das pessoas e nos símbolos sagrados ou profanos que caracterizam a integração do homem com o divino.

Segundo o professor Boris Kossoy, 'a iconografia segue sendo o grande desafio'. (KOSSOY, 2002, p. 211). Analisar as imagens tendo como sujeito a fração do tempo passado por elas registrado constitui-se em uma quebra de paradigmas e uma nova concepção sobre o discurso científico estratificado e sem a visão pluridisciplinar que a contemporaneidade exige.

Muito mais que apenas descrever quais são as semelhanças das práticas religiosas, o registro fotográfico acrescenta a possibilidade de nos identificarmos como atores de situações e crenças presentes em todo nosso continente.

Nos rostos, gestos, atos devocionais e demais simbolismos presentes nas práticas religiosas e nos arredores dos templos e locais sagrados, é possível identificar um só elemento: o homem latino-americano. Porém, mais que o ser humano, também é importante a percepção de suas ações e a importância que o sentimento religioso adquiriu na construção das sociedades atuais.

Como pesquisador e fotógrafo, a necessidade de interagir com o sujeito de minha pesquisa me obriga a buscar nas imagens a construção de uma 'segunda realidade' (KOSSOY, 2002, p. 37) que possa refletir parte dos elementos constitutivos da religiosidade almejando, como Roger Bastide, uma empatia entre sujeito e objeto, visando uma transferência, um autoconhecimento, através do outro.

> Para ele, o etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver em si próprio a principal cultura que estuda; se a sociedade tem preocupações religiosas, deve rezar junto com ela. Afirma, ainda, que foi preciso mudar toda sua compreensão lógica em suas pesquisas. (ANDRADE, 2002, p. 28).

O pesquisador contemporâneo não pode mais pensar em uma pesquisa baseada apenas na observação imparcial, neutra, distante. É preciso a interação, 'sentir o cheiro', 'saborear os gostos', experimentar. Mas, como produzir uma narração destes sentimentos? Como descrever os sentidos afetados pelo momento ou pelas manifestações religiosas?

Para esse autor, a imagem fixada pela fotografia se apresenta como a melhor forma. O texto é parte integrante, não competitiva, dessa narrativa. O trabalho do fotógrafo não está limitado à simples captura da imagem. O trabalho do fotógrafo reside na busca do conhecimento pleno do sujeito de sua imagem. Para que isso aconteça, é preciso 'ver com olhos livres' (ANDRADE, 2002, p. 29).

> Nesse sentido, é com esse 'ver com olhos livres' que um sujeito pode caçar suas imagens, suas palavras, sua ciência. Não é preciso ser selvagem para pensar selvagem. Necessita-se de um olhar único e singular, um processo solitário na tentativa de redescobrir no outro e outro em si mesmo – uma permissão ao inconsciente, ao imaginário e à 'loucura'. (ANDRADE, 2002, p. 29).

Registrar os momento e acontecimentos durante as celebrações religiosas, rituais e contemplações do sagrado, fornece um vasto material iconográfico que requer um olhar mais apurado, capaz de tentar perceber, nas imagens, as relações de semelhança tanto religiosas, quanto sociais, que possam servir para a elaboração dessa pesquisa.

> A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente, naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.(KOSSOY, 2001, P. 42-43).

Brasil, 2014

2. A herança religiosa
2.1. Devoção, penitência e fé

A religiosidade é um dos traços mais marcantes de nosso povo. São inúmeros os santuários, igrejas, terreiros, templos, locais de devoção e festas religiosas espalhados por toda a América Latina. Entre os mais famosos, podemos destacar os de Nossa Senhora do Cobre e Sán Lazaro, em Cuba, Nossa Senhora Aparecida, Pe. Cícero e Canindé, no Brasil e Nossa Senhora de Caacupé, no Paraguai, e tantos outros de devoções características de cada país ou região. Em todos os exemplos citados, os devotos têm modos peculiares de demonstrar a sua devoção. No entanto, o momento da penitência, da chegada aos templos ou a contemplação dos símbolos sagrados representam a similaridade da matriz religiosa latino-americana. É o momento sublime, de comunhão e renovação, consolidando a fé e a entrega total aos desígnios do sagrado. Nesse instante, que pode durar apenas uma fração de segundos ou horas, percebe-se tanto o homem religioso, como descreve Durkheim, quanto o mais profundo devoto, herdeiro de uma crença imposta pelos colonizadores espanhóis e portugueses, e sincretizada com as mais diversas vertentes e raízes originais e introduzidas, consolidada e presente em todos os povos que formam esse continente diverso, com múltiplas identidades culturais, com seu passado sofrido e seu futuro incerto.

Para o sociólogo Mircea Eliade (2001), o homem é um ser religioso, atrelado a rituais e crenças que lhe revelam as manifestações do sagrado nas mais diferentes formas e denominações religiosas e, sendo religioso, precisa renovar seus atos de fé para se estabelecer no mundo e compartilhar deste o sentido de felicidade e prosperidade. Tais atos são parecidos, mesmo em religiões separadas por processos históricos e espaços geográficos. Essa linha de pensamento ajuda a explicar as semelhanças do sentimento religioso que compõe parte da identidade da América Latina e que possui aspectos diferenciados, mas sempre com o mesmo objetivo: aproximar o homem do sagrado.

A manifestação do sagrado, chamada por Eliade de hierofania, constitui a história de todas as religiões, desde as menos complexas até às mais sofisticadas. Essas hierofanias possuem aspectos diferentes, conforme a própria história das diferentes religiões. Essas diferenças vão desde a crença da manifestação do sagrado em pedras e árvores até, como é o caso do Cristianismo, a encarnação de Deus em Jesus Cristo.

> Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de ‘ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’.
> O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é pedra nem árvore mas o sagrado, o ganz andere.
> Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamento que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: tanto uns como outros vivem em um Cosmos sacralizado; (...) Do mesmo modo, damo-nos conta da validade das comparações entre fatos religiosos pertencentes a diferentes culturas: todos esses fatos partem de um mesmo comportamento, que é do homo religiosus. (ELIADE, 2001, p. 23).

Desta forma, o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível.

Podemos, então, afirmar que esse sentimento devocional que impregna o homem latino-americano faz parte de uma história religiosa que acompanha todo processo de formação de nossa cultura, independente do grande número de formas histórico-religiosas.

A América Latina não nasce a partir das viagens de Colombo. Muito antes do 'descobrimento' do Novo Mundo, em 1492, já havia em todo nosso continente um conjunto humano de culturas, saberes, religiosidade e sociedade.

No primeiro milênio depois de Cristo, na América, surgem duas culturas que se tornarão clássicas em nosso continente. A do Tiahuanoco, junto ao lago Titicaca (Bolívia, atualmente) e a do Teotihuacan, no Vale do México. Culturas esplendorosas, que atingirão seu máximo desenvolvimento com o império dos Incas, no Peru, e o império dos Aztecas, no México, no séc. XV d.C.

> O homem americano (sejam os nômades do norte e sul, os plantadores dos vales do Mississipi e das Antilhas até o Orinoco, o Amazonas ou o Plata, sejam culturas urbanas já mencionadas, a que se deveriam somar ainda os Maias e os Chibchas) veio a ser, portanto, criador de altas culturas, produtor e civilizador original de um mundo religioso prodigioso por sua riqueza e seu sentido. É sobre esse homem, sobre sua raça, cultura e religião, que a "invasão europeia-cristã arremeter-se-à como 'lobos e tigres e leões famintos de muitos dias' como dirá Bartolomeu de las Casas. A dignidade, o número e a beleza do homem americano é o solo fecundo e positivo sobre o qual se edificará a história da América Latina. Solo desprezado, esquecido e explorado. (DUSSEL, 1992, P.7)

A partir de 1519, com a invasão do império Azteca por Hernán Cortês, começa o processo evangelizador global, tendo como ponto inicial as ilhas do Caribe, principalmente Cuba, depois México, América Central, e norte da América do Sul. Nessas regiões, sul do México e no Caribe, residiam a maioria da população americana pré-hispânica.

> A Espanha de Carlos V (1516 sob a regência até 1556) e Portugal do grande império marítimo encontram-se no pico de seu esplendor. São o centro do 'império-mundo', mesmo que não se tenha ainda produzido o boom da exploração mineira. É o tempo do 'catolicismo guerreiro', onde a evangelização por tábula rasa estrutura o modelo de Cristandade das Índias. Junto a Hernán Cortês vai Frei Vicente Valverde. Nossa Senhora dos Remédios defende Cortês dos aztecas, e 'Nossa Senhora da Vitória' apoia Álvaro de Castro contra os indígenas brasileiros em 1555. Religião Cristã que justifica a dominação. (DUSSEL, 1992, p.11).

Com a instituição do regime de Padroado, em 1548, a igreja fica inteiramente controlada pelo Estado, ao qual cabe desde a nomeação de sacristãos e Bispos até a autorização para construção de igrejas e criação de Paróquias e Dioceses. É justamente nessa época que as missões católicas rumam para a América, na esteira dos colonizadores espanhóis e portugueses.

No entanto, essa invasão hispano-lusitana e o processo de evangelização, feitos de cima para baixo, entram em choque com as culturas dos povos americanos, dos próprios espanhóis e portugueses empobrecidos e dos africanos escravizados trazidos para cá. O conflito gera um tipo de catolicismo que escapa ao controle do Estado e da própria Igreja Católica, por se tratar de uma 'recepção original e criativa' (DUSSEL, 1992, p.11) do Evangelho. As crescentes rebeliões pela libertação e independência da América Latina acentuam o processo. Esse catolicismo que se adapta à essa cultura popular criou raízes importantes, tanto no aspecto devocional, quanto na vida em sociedade de um povo oprimido que desde Colombo luta por justiça e igualdade.

> Surgia contra a Cristandade dominante outro modelo de Igreja: uma 'igreja do povo pobre', que para além da 'república de espanhóis', nos campos e nos bairros pobres das cidades, identificava-se com o Cristo sofredor, paciente e sangrante do 'tremendismo' (imagens violentamente ensanguentadas das igrejas populares) do povo latino-americano à espera de sua libertação. (DUSSEL, 1992, p.12).

O cristianismo católico, tema desta investigação, é a base do processo catequético e civilizatório que deixou marcas profundas em nossas sociedades. Nos rostos, gestos, atos devocionais e demais simbolismos presentes nas práticas religiosas e nos arredores dos templos e santuários, é possível identificar a religiosidade e o valor que os povos latino-americanos dão a ela. Porém, mais que o ser humano,

também é importante a percepção de suas ações e a importância que o sentimento religioso adquiriu na construção das sociedades atuais, separadas pelas divisões geopolíticas, mas unidas por questões sócio-antropológicas que transpõem barreiras geográficas e estratos sociais.

Em, relação à América Latina, essa afirmação é incontestável. São passados mais de 500 anos desde a primeira viagem de Cristóvão Colombo e a consequente colonização de nosso vasto continente, principalmente por portugueses e espanhóis, que impuseram formas distintas de ocupação e exploração diferenciadas pelo idioma, mas com raízes religiosas comuns – o catolicismo, em particular - que permaneceram homogêneas em todos os territórios conquistados e divididos em colônias e províncias.

E é dentro desta herança perpetuada através dos séculos e reforçada pela institucionalização da religião que os rituais, as crenças e as manifestações de fé, representadas nos mais diversos atos e acontecimentos, que podemos enquadrar e tentar entender o universo vasto e diverso que forma a base da religiosidade popular latino americana.

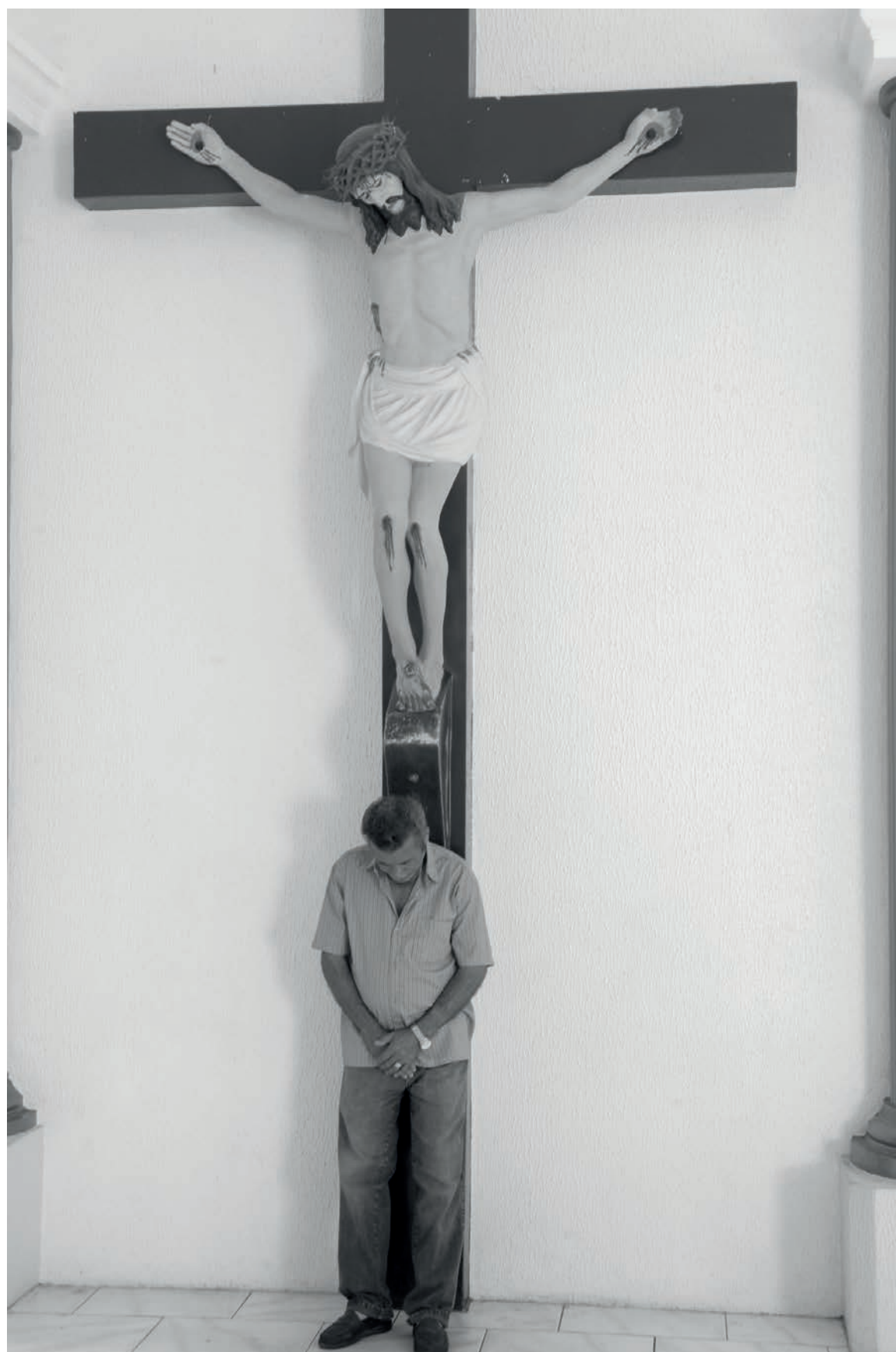
> Nesta religião de sofredores, neste país de pagadores de promessas, todos nós de algum modo nos encontramos no pesado esforço des resgatar o imenso e incompreensível débito que nos faz penar, que nos leva aos muitos e comoventes santuários espalhados por todo canto, despejar nossas penas e nosso pranto, tocar no sagrado e nele reatar o que a vida desatou, implorar o perdão e o favor, pedir, carregar a imensa e pesada cruz do viver, da pobreza e da fé. (MARTINS in BASSIT, 2003, p.4)

Brasil, 2010

JESUS, EU CONFIO EM VÓS!
Nossa Senhora das Graças
confio em Vós

Brasil, 2016

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2010

Brasil, 2015

Brasil, 2015

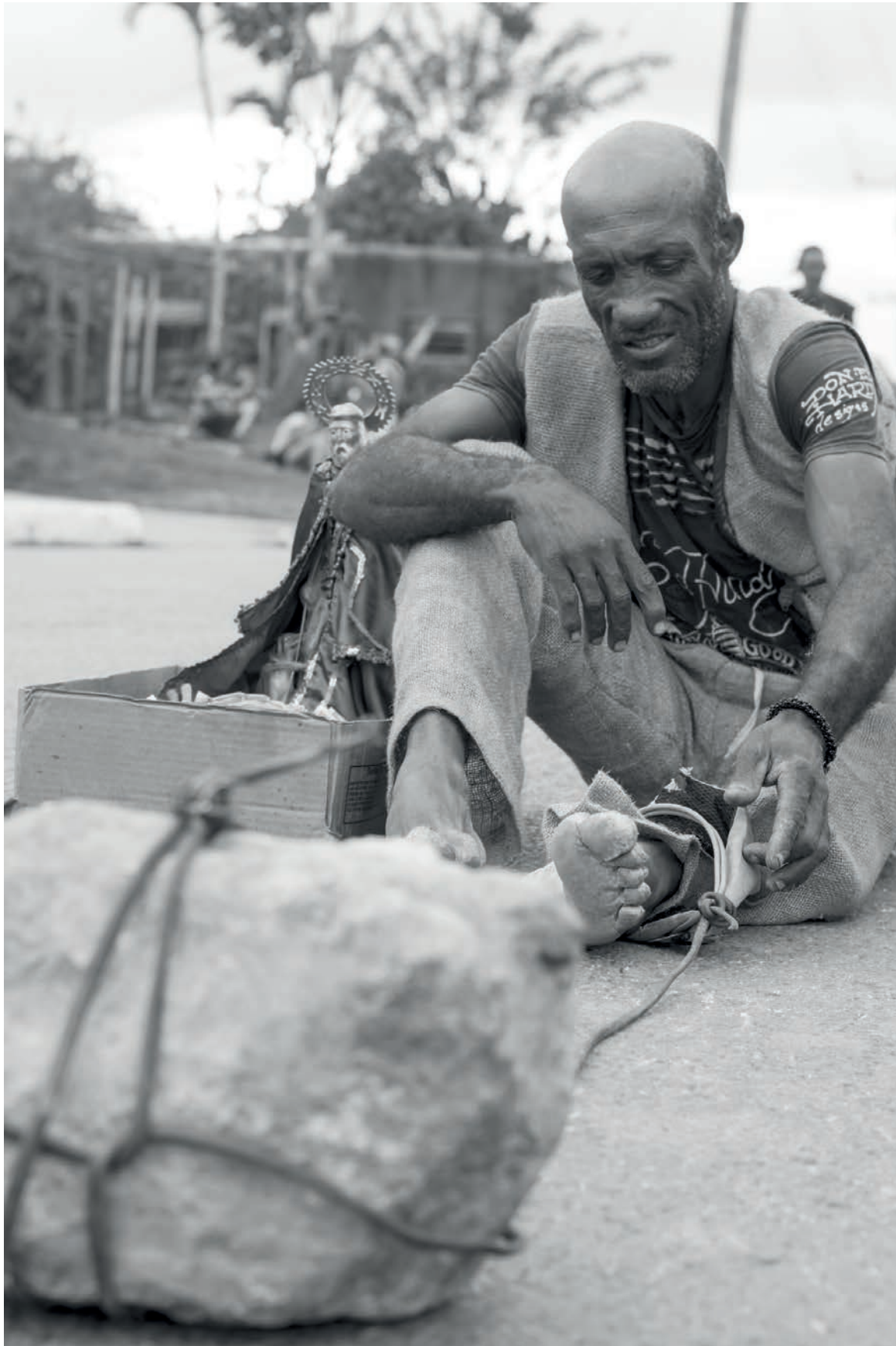
Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Brasil, 2016

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2016

Brasil, 2016

Brasil, 2013

Brasil, 2014

Brasil, 2016

Brasil, 2014

Brasil, 2013

2.2. Templos e locais sagrados: acolhida e revelação

Ao longo de mais de cinco séculos, a religiosidade, que já era presente nos povos que originalmente habitavam nosso continente, sincretizada com as devoções e práticas religiosas impostas e miscigenadas, consolidou-se, tornando as barreiras geográficas, históricas ou de comunicação, consequentes de idiomas diferentes, insuficientes para impedir a integração cultural baseada na fé e na religiosidade popular.

Dentro de uma cultura católica, seja na sua forma oficial, seja na forma popular, originada principalmente pela exclusão social no início da colonização, como foi o caso dos indígenas, dos negros e dos espanhóis e portugueses que não pertenciam às classes mais abastadas, fincou fortes raízes em nosso sentimento religioso a necessidade do espaço sagrado que é, para o homem religioso uma questão existencial. Esse espaço marca o ‘Centro do Mundo’ (ELIADE, 2001), um ponto fixo, de orientação, dentro de uma homogeneidade caótica, ditada pelas necessidades diárias e dessacralizadas, portanto, profanas.

As imagens que seguem ajudam a formar uma representação desse espaço sagrado, com sua imponência e seu valor religioso decorrentes de uma evangelização cristã, baseada na delimitação de territórios que, a princípio, eram somente locais sagrados, mas que, no decorrer da história da América Latina, principalmente durante o período do Padroado, também representou o poder do Estado e a vigilância sobre os habitantes dos povoados nascidos ao redor das igreja e capelas.

Para entendermos o sentido dessa religiosidade católica é necessário antes entender a importância dos locais sagrados para o reconhecimento e consolidação das devoções religiosas, repetição dos rituais e entrelaçamento entre o mundo dos homens e o mundo espiritual, assim como a referência que transcende a arquitetura e espaço geográfico e se transforma no local de revelação e contato íntimo com o sagrado.

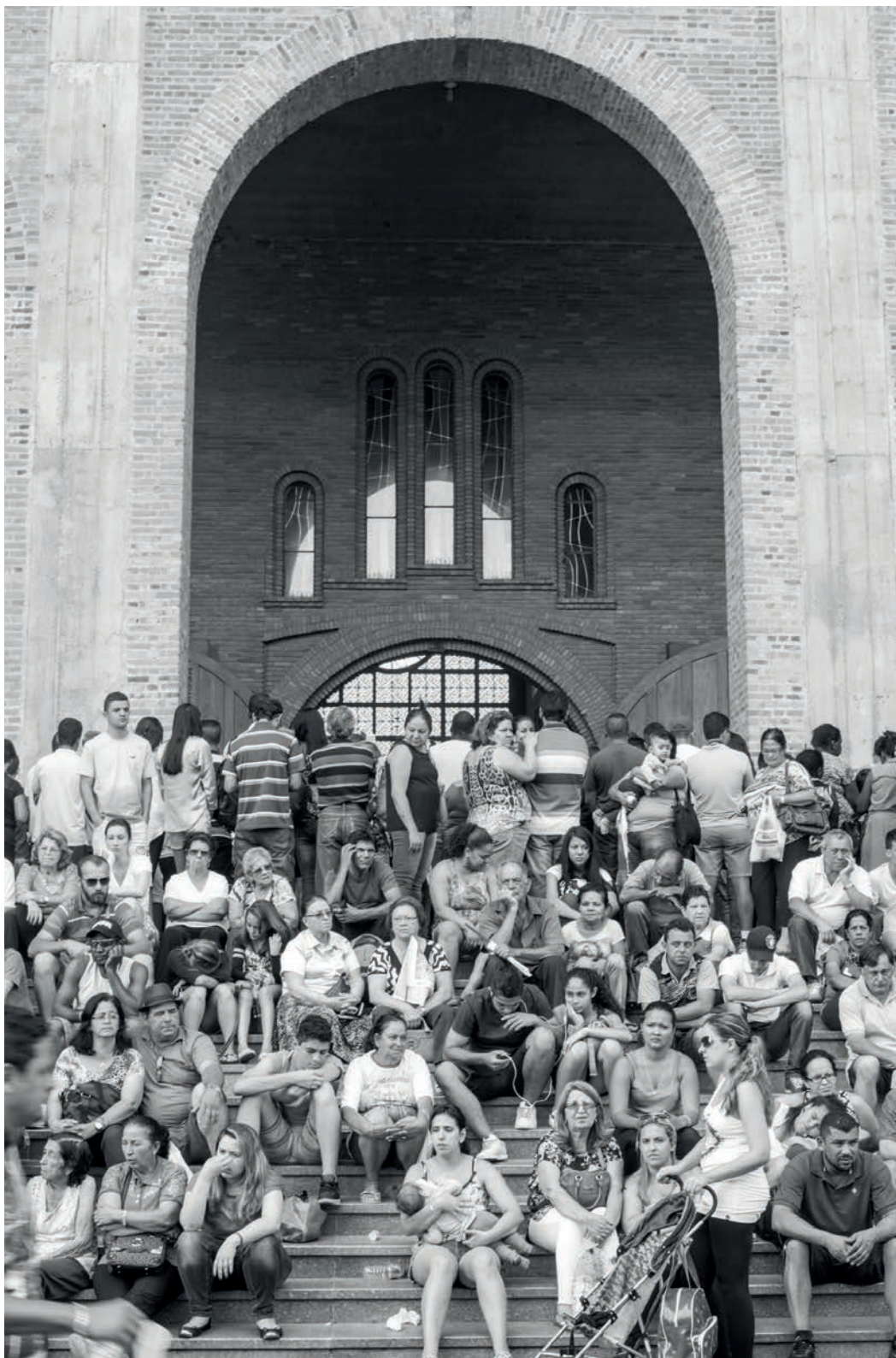
A ligação do homem com os locais sagrados remete aos primórdios da civilização. O espaço sagrado representa um local de ligação do homem com o divino. É nesse local, separado dos locais profanos, ou seja, cotidianos, que o homem busca seu ‘ponto fixo’ (ELIADE, 2001, p. 26), de onde parte a orientação futura.

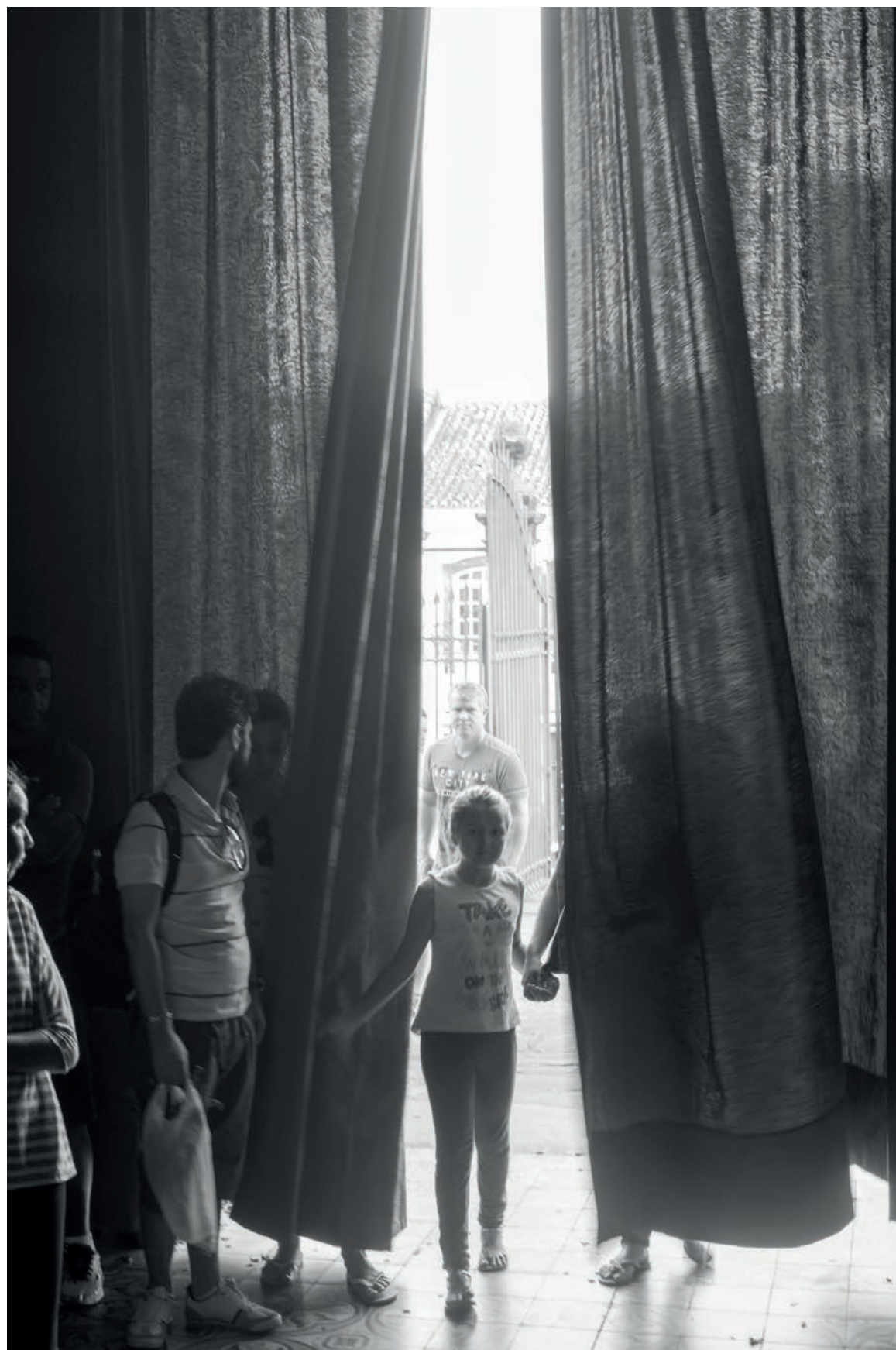
> Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforça por estabelecer-se no ‘Centro do Mundo’. Para viver no mundo é preciso funda-lo – e nenhum mundo pode nascer no ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o ‘Centro’ – equivale à Criação do Mundo, e não tardaremos a citar exemplos que mostrarão, de maneira absolutamente clara, o valor cosmogônico da orientação ritual e construção do espaço sagrado. (ELIADE, 2001, p. 26).

Nas imagens dos templos é evidente a imponência das construções em relação ao restante da localidade. São grandiosos, opulentos e contrastam com a paisagem ao redor. No entanto, são locais para a acolhida de milhares de peregrinos repletos de fé e crentes na remissão de seus pecados, na obtenção de graças ou ávidos por agradecer e prestar homenagens aos santos de sua devoção.

Na particularidade dos templos, o destaque é para a entrada, a porta principal. Ela representa o limiar entre a homogeneidade do cotidiano, o espaço profano e sacralidade do espaço religioso. Ela separa os dois modos de ser, o profano e o religioso.

> (...) a porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continui-

dade. (...) O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (ELIADE, 2001, p. 29).

Brasil, 2013

Cuba, 2014

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2010

Paraguai, 2006

Cuba, 2014

Brasil, 2013

2.3. Peregrinações: os caminhos que levam ao sagrado

Um olhar mais demorado sobre os milhões de peregrinos se deslocando a cada ano para os santuários, festas e demais eventos religiosos nos permite perceber que cada lugar de peregrinações se situa dentro de um círculo que pode ser de alcance nacional, regional e local.

Estes centros de atração definem por sua vez não apenas o que é sagrado e o que é profano no mundo, mas também as diferentes gradações no sagrado. *Quanto maior o círculo de abrangência de um santuário, maior a intensidade do sagrado que ocupa seu centro. (STEIL, 2001, p.13).*[3]

Na história das religiões, diversas são as referências aos caminhos que levam os homens até Deus. A maioria das religiões apresenta-se como caminho. O taoísmo, religião oriental, carrega a referência no próprio nome. Tao quer dizer caminho. O cristianismo, em seus primórdios era chamado de ‘caminhada’.

Caminhar ou peregrinar se tornou uma das mais fortes expressões de fé. Todas as grandes religiões do mundo têm peregrinações.

> Os povos antigos viam todos os elementos da vida a partir da fé. As sociedades se organizavam de forma religiosa. Tudo fazia parte do culto: o nascimento, as relações humanas, a caça, a medicina e a vida familiar. Assim, tanto as comunidades que nunca tiveram terra como as que mantinham mitos do tempo em que viviam em sua terra mantiveram sempre, em seus costumes religiosos, a mística de uma constante peregrinação atrás de uma terra boa e segura, com água e com condições de vida. O costume de caminhar era, ao mesmo tempo, uma necessidade de sobrevivência e segurança de vida bem como uma peregrinação religiosa. Os lugares onde havia água ou caça e pesca em abundância eram consagrados por alguma manifestação divina ou pela atividade de algum mestre religioso, em cujo mistério os grupos procuravam iniciação. Na maioria das religiões da humanidade há esta convicção profunda: para a gente se encontrar com Deus, é preciso sair de si mesmo e partir em sua busca. (BARROS, 1996, p. 37).

Na América Latina, as religiões populares, principalmente o catolicismo, do modo como nossos povos o absorveram, desenvolveu-se a partir de santuários marginais ao sistema eclesiástico (catolicismo oficial) criados e mantidos pelo povo, como Aparecida, Juazeiro, Canindé, Caacupé, El Cobre, etc.

Em uma realidade marcada pela exclusão de milhões de indivíduos, na América Latina o ato de romaria ou peregrinação é um sinal através do qual o povo pobre e marginalizado expressa sua identidade religiosa e cultural. Caminhando unidos até um santuário religioso, enfrentando as dificuldades e sacrifícios, compartilhando o alimento e solidarizando-se com os que ameaçam desistir, os peregrinos repetem a história de luta e conquistas de nosso continente.

É uma caminhada que, mesmo partindo para um lugar externo à sua realidade, traz ao peregrino uma busca de valores e reflexões só possíveis na interiorização dos pensamentos e na concepção que a caminhada traz o homem de volta para si.

> A experiência mística (que é simplesmente a fé vivida do modo mais profundo) apresenta-se comumente como uma peregrinação, uma viagem iniciática no sentido estrito da palavra: uma viagem de começo, experiência de iniciante. Abandonando deliberadamente todos os lugares comuns, o místico vai para outro lugar, um lugar além... (CATTIN, 1994, p. 13).

[3] *in VALLA, V. (org.). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001).*

Ainda que, ao chegar ao santuário, o peregrino esteja cansado, extenuado e com os pés feridos, pelo peso da caminhada que pode durar vários dias, o mais importante é levar durante a peregrinação uma atitude de busca por Deus; caminhar refletindo sobre o respeito à natureza, que fala da beleza e o amor que tem Deus por toda a criação.

A peregrinação é o caminho para o encontro com o sagrado e, na busca pelo sagrado, a certeza de alcançar os caminhos para a santidade. Santidade que será conquistada com luta, sofrimento, exclusão, violência e, sobretudo, resignação.

> [...] Incenso, luz de velas, suor, dor, fardos sobre a cabeça, oferendas, entrega, proclamações de sujeição, de humildade, de cativeiro voluntário. Só a sujeição para libertar nesse arrastar de pés pelos caminhos pedregosos da vida. Inversões para resolver as contradições que nos levam para essa estrada, para esse destino de peregrinos. Sussurros de uma consciência social, que nos são mostrados pelo espelho da Conquista e da colonização, invertidos em relação ao que somos e podemos. (MARTINS in BASSIT, 2003, p.5)

Brasil, 2006

Brasil, 2006

Brasil, 2006

Brasil, 2013t

Paraguai, 2005

Brasil, 2011

Paraguai, 2005

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Brasil, 2010

Brasil, 2015

Brasil, 2011

Paraguai, 2006

3. O culto mariano e sua importância na disseminação da catequese e da Fé católica na América Latina

O ponto inicial deste trabalho, como já apontado anteriormente, foram as visitas aos santuários de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, e de Nuestra Señora de Caacupé, no Paraguai.

Com o intuito de ampliar a abordagem e poder extrair um fragmento ainda mais significativo dessa religiosidade latino-americana e tendo Cuba como sede de um templos mais antigos dedicados a Virgem Maria, em nosso continente, foi quase obrigatória a inclusão do Santuário da Virgen de La Caridad del Cobre como local de pesquisa e produção de imagens. Além, obviamente, da necessidade de investigar sobre uma religiosidade que convive com um regime com o único regime comunista e, portanto, ateu, latino-americano.

Não há um único país da América Latina que não tenha a Virgem Maria como padroeira ou devoção de relevada importância. Assim sendo, é imperativo abordar o culto mariano como parte destacada da devoção popular herdada de nossos colonizadores.

O culto mariano constitui uma prática constante na igreja desde as origens do cristianismo. Já nas paredes das catacumbas, no alvorecer da fé cristã, há representações de Maria.

> Na catacumba de Priscila, há a impressão da jovem Mãe de Jesus que apresenta o seu menino à estrela profetizada por Balaão (Nm 24, 15-19), remontando ao final do século II para o início do século III. Havia também as imagens de Maria Orante, representadas de pé, rezando com os braços abertos, e em cenas de sua vida, narradas pelos textos da Bíblia e dos livros apócrifos. (BISINOTO, 2002, p.7).

As imagens de Maria fazem parte da história e da vida da Igreja, sendo muito valorizadas pela religiosidade popular. São inúmeras as imagens de Maria em afrescos, ícones, mosaicos baixos-relevos, estátuas, quadros, telas, medalhas, monumentos, casas, igrejas e outros tipos. O próprio Código de Direito Canônico, em seu cânone 1186, recomenda a veneração especial e filial dos fiéis à Virgem Maria para fomentar a santificação do povo de Deus.

> Para fomentar a santificação do povo de Deus, a Igreja recomenda à veneração peculiar e filial dos fiéis a Bem-aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, que Jesus Cristo constituiu Mãe de todos os homens, e promove o verdadeiro e autêntico culto dos outros Santos, com cujo exemplo os fiéis se edificam e de cuja intercessão se valem. [1]

A origem da devoção à Maria, na América Latina, remonta aos princípios da colonização ibérica. Como parte do processo de domínio, espanhóis e portugueses trouxeram também as missões franciscanas, jesuítas e beneditinas com o propósito da necessidade de evangelização dos povos indígenas que habitavam todo o continente, promovendo a conversão e salvação das almas dos assim chamados inicialmente de selvagens.

A devoção Mariana constitui-se no pilar desse catolicismo popular por representar justamente a figura que, depois de Jesus Cristo, sofre as piores dores e sacrifícios na história do Catolicismo. Maria é quem recebe a missão de conceber e dar à luz o filho de Deus, educá-lo, protegê-lo e depois de 33 anos, testemunhar o próprio filho ser submetido às piores humilhações e ser pregado em uma cruz como um criminoso comum.

No catolicismo 'oficial' a figura de Maria também recebe destaque e veneração. Na América espanhola, a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina, no México, no século XVI, por volta de 1530, fortalece a devoção Mariana em todo o conti-

---

1 Código de Direito Canônico - Cân. 1186 - LIV. IV — Do múnus santificador da Igreja PARTE II — Dos outros actos do culto divino TítuloIV - DO CULTO DOS SANTOS, DAS SAGRADAS IMAGENS E DAS RELÍQUIAS, p. 207. (promulgado por João Paulo II em 1983)

nente. Mais tarde, essa devoção na América e Europa assume tamanha importância, a tal ponto de, em 1646, o rei de Portugal, Dom João IV, proclamar Nossa Senhora da Conceição como Padroeira de todo o império português.

Essa mistura entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular dará origem à formas devocionais que se espalharão por toda a América Latina, permitindo até os dias atuais a percepção de uma unificação de crenças e devoções que traduzem uma integração religiosa que une as mais diferentes culturas desse imenso continente. A devoção Mariana e os atos religiosos ligados a ela superam as diferenças de idiomas e as fronteiras territoriais estabelecidas por um processo de colonização pela força e dominação, com a imposição de uma religiosidade estrangeira. Mesmo depois de 500 anos, essa religiosidade permanece firme e consolidada desde as grandes metrópoles até os povoados mais remotos e isolados.

Em todos os países latino-americanos, grande parte da população invoca Maria com muitos títulos, expressando seu amor filial por ela. É a padroeira de todo o continente e dos diversos países em particular. Suas imagens são ricas em detalhes, trazendo, muitas delas, os traços de sua gente.

Assim, desde o início do século XVI até nossos dias, a Igreja Católica permanece ativa e ainda tem força suficiente para, muitas vezes, determinar modos de agir de organização da sociedade, influenciando em seus costumes e tradições, aproveitando-se da necessidade do ser humano em manter uma relação de dependência com o sagrado, com aquilo que se manifesta de formas que não se pode explicar pelas experiências da vida cotidiana.

> Ante a angústia da liberdade humana e da margem sempre existente da incerteza, do inesperado e não previsível, os homens procuram soluções que aliviem esta angústia. Os ritos proporcionam estas soluções, definidas por três formas possíveis de opções: a primeira consiste em mascarar tudo aquilo que revele a sua situação insólita. Esta opção é efetivada através dos ritos referidos aos tabus e purificação, que tem por objetivo afastar a impureza e proteger contra ela a condição humana sem angústia. Como segunda opção encontra-se a aceitação da angústia para conservar e promover aquilo que torne o homem superior.(...) A terceira solução em que se sintetizam as anteriores procura estabelecer regras referidas a uma potência incondicionada, como arquétipo extra-humano da condição humana sem angústia. O numinoso não é mais manejado como um princípio de potência mágica, mas se apresenta como caráter sobre-humano do sagrado, constituindo o núcleo das religiões. Enquanto atitude ritual procura o equilíbrio, promove a síntese do condicionado e do incondicionado, através da transcendência sagrada.[2]

[2] *TRINDADE, Liana. Magia e dinâmica psicológica: estudo de antropologia psicológica sobre o mito de Exu.*

Paraguai, 2010

Brasil, 2010

Cuba, 2014

Brasil, 2012

3.1. Cuba: Virgen del Cobre – 'La Madre de todas las madres! Devoção e sincretismo que transcende revoluções e divisões políticas

A escolha do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Caridade do Cobre como parte da pesquisa a qual este trabalho se dedica levou em conta dois fatores principais: registrar e documentar a religiosidade em um país de regime comunista, no qual a religião muitas vezes é sinônimo de alienação e opressão e poder conhecer um dos mais antigos pontos referência do catolicismo trazido pelos colonizadores europeus.

Após mais de 14 horas de viagem de ônibus entre Havana, capital do país, e Santiago de Cuba, a 800 quilômetros de distância, localidade próxima à famosa Sierra Maestra, onde os revolucionários se abrigaram para iniciar a revolução, em 1959, chegar ao Santuário despertou uma mistura de surpresa, acolhimento e tranquilidade. Como essa visita não aconteceu durante a semana de festa, que é realizada na primeira semana de setembro, o silêncio e a contemplação davam o tom do sentimento religioso que ultrapassa as paredes do templo e se espalha por toda a ilha. Como gesto de respeito, solenidade e devoção, homens e mulheres elevam seus olhos em direção ao altar e contemplam a imagem daquela que acreditam estar ao lado do Pai e de seu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo. No espaço sagrado sabem que estão na casa da Mãe e, por isso, precisam respeitar e colocarem-se aos pés daquela que gerou e criou e filho de Deus.

Especialmente no día 8 de setembro, dia da Festa dedicada à devoção, é grande a quantidade de pessoas que acorrem de todas as regiões de Cuba para render-lhe homenagens e agradecer as graças recebidas.

A devoção cubana tem sua origem no início do século XVII, período em que a ilha caribenha estava sob o domínio espanhol.Conforme testemunho de Juan Moreno, ele e mais dois companheiros encontraram na Bahia de Nipe, no mar do Caribe, em uma região próxima a Santiago de Cuba, em 1612, uma imagem da Virgem Maria flutuando nas águas. Na base de madeira que a sustentava havia uma inscrição na qual se lia: 'Yo soy la Virgen de la Caridad'. Juan era negro e seus dois companheiros, eram índios. Juan, que era apenas uma criança à época do encontro, deu um testemunho oficial, em 1687, relatando o fato. A partir daí, e com a influência da Igreja Católica, ávida por difundir o Cristianismo e evangelizar os habitantes, negros e índios, em sua maioria, a devoção se espalha por toda Cuba.

Essa devoção foi amplamente adotada por católicos e santeiros, brancos e negros, pobres e ricos, cubanos residentes e aqueles que deixaram Cuba, mas sempre voltam para rezar, agradecer e pedir graças à Virgen del Cobre.

A imagem está exposta no vilarejo de El Cobre, a 16 quilômetros da cidade de Santiago de Cuba e tornou-se o maior centro de peregrinação do país. Peregrinos vão até El Cobre para pedir favores à Virgem ou agradecer por uma graça alcançada. Entre os devotos agradecidos está o escritor americano Ernest Hemingway, que deixou aos pés dela a medalha de ouro que recebeu quando foi agraciado com o Nobel de Literatura, em 1954. O gesto foi uma forma de agradecer ao povo cubano por ter servido de inspiração para obras como "O velho e o mar".

Segundo a escritora e historiadora Olga Portundo, autora de "Virgem da Caridade do Cobre, símbolo de cubanidade", no imaginário popular, a Virgen de la Caridad del Cobre é um dos símbolos do que os cubanos chamam de cubania. *És la Madre de todas las Madres*, acentua.

Persiste até nossos dias o debate sobre a origem da imagem, pois numa época em que dificilmente alguém no Caribe teria capacidade de realizar uma escultura daquela categoria. Sendo assim, provavelmente teria ela sido trazida de algum outro local. A opinião mais aceita é que o conquistador Alonso de Ojeda a tivesse deixado em poder dos índios, quando esteve nas costas de Cuba ao início do século XVI.

Segundo a tradição oral, esse navegador, após sobreviver a um naufrágio em região de pântanos e ver morrerem de fome e cansaço

vários de seus homens, foi encontrado pelos índios Cueiba, com os quais estabeleceu boas relações. Para agradecer o auxílio concedido, presenteou-lhes com uma imagenzinha que tinha trazido da Espanha, ao mesmo tempo em que procurou ensinar-lhes o Evangelho, em uma tentaiva de catequização e conquista. No entanto, a barreira da língua dificultou esse trabalho. Mas Ojeda conseguiu que os nativos, sempre que lhes indicava a imagem, repetissem Ave Maria. Por isso, durante certo tempo a ilha de Cuba foi conhecida como Ilha da Ave Maria.

Quatrocentos anos depois de ser descoberta, a estátua de madeira de apenas 35 centímetros resiste como um dos maiores símbolos nacionais de um país dividido entre o secularismo do governo e a religiosidade de seu povo, sendo oficialmente elevada pelo Vaticano a padroeira de Cuba em 1916, em um decreto do Papa Bento XV e, solenemente coroada em 20 de Janeiro de 1936, em Santiago de Cuba. Em 24 de janeiro de 1998, o Papa João Paulo II coroou a estátua da Virgem da Caridade como Rainha de Cuba.

A imagem original da Virgen da Caridade que se conserva na Basílica Santuário Nacional de Nuestra Señora de la Caridad del Cobre en Santiago de Cuba é de madeira e está coberta por uma manto dourado e pode ser vista de qualquer ponto da nave principal do templo.

Seu altar é de mármore e prata maciça, decorado com objetos valiosos. Por este motivo, não é possível a aproximação para tirar fotografias ou gravar imagens de vídeo.

Em 1899, seu Santuário foi profanado por bandidos, que roubaram as jóias mais valiosas e cortaram a cabeça da sagrada imagem para retirar um diamante.

La Virgen de la Caridad del Cobre é uma devoção que une os cubanos como nenhuma outra parece ser capaz de fazê-lo. A diferenças políticas e religiosas se desfazem diante dela que é venerada tanto em toda a ilha com o mesmo fervor que na comunidade cubana residente em Miami, nos Estados Unidos, onde se ergueu uma igreja a ela dedicada.

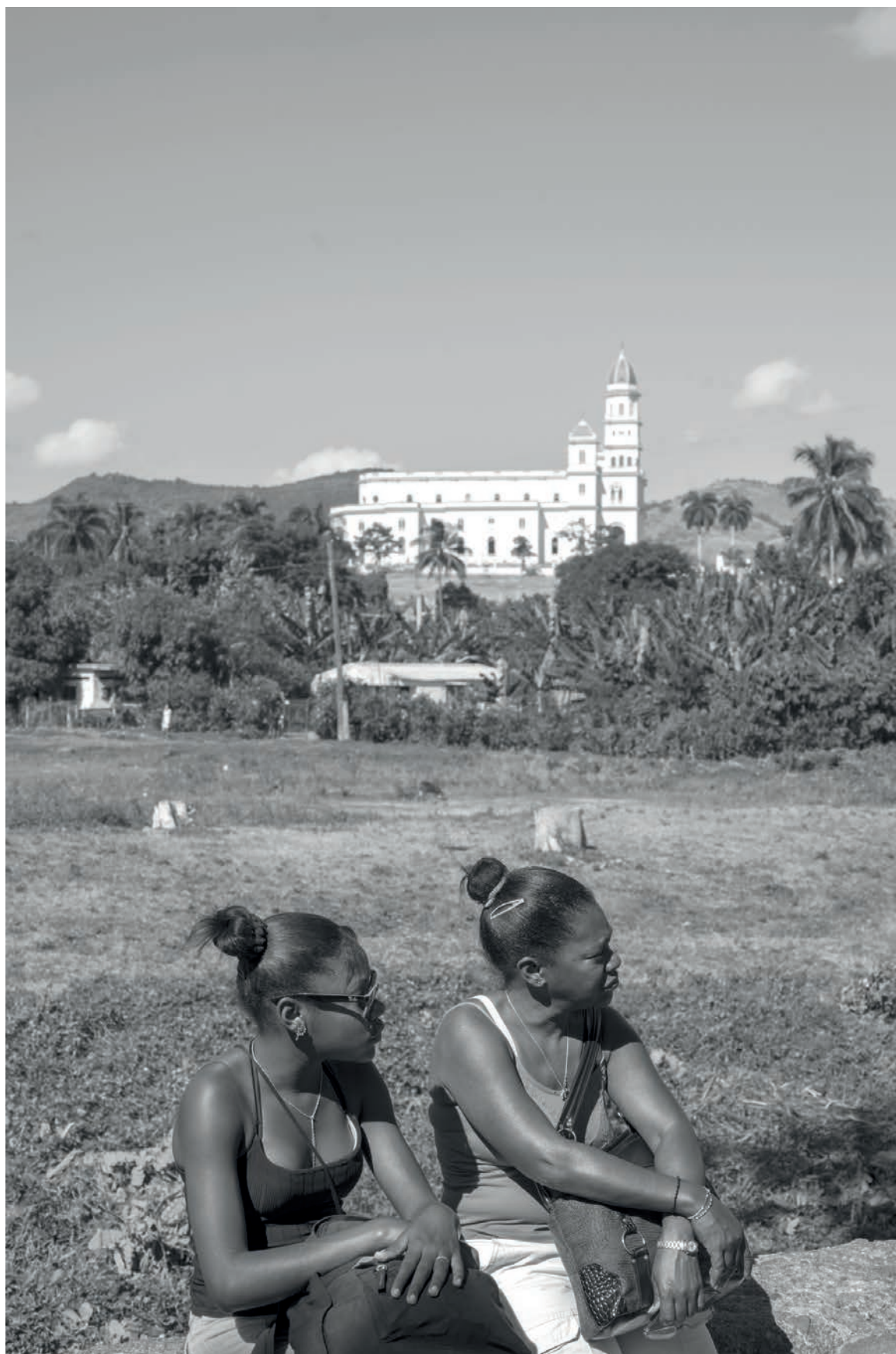
Não somente os católicos a veneram, como também os praticantes de religiões afro-cubanas que, nos tempos coloniais, decidiram identificar seus orixás com as imagens do cristianismo para poderem seguir praticando suas devoções. É muito comum observar fiéis e devotos rendendo homenagens a *Virgencita* usando suas guias, vestes e demais paramentos próprios da Santeria e de outras religiões.

No sincretismo criado pela miscigenação oriunda das migrações de conquistadores, colonos e negros escravizados, a figura da Virgen de La Caridad é conhecida e venerada como Oxun.

A antropóloga Natália Bolívar, em uma entrevista concedida a este autor, explica que os africanos escravizados mascararam o culto a suas deidades fazendo os espanhóis pensarem que acreditavam em seus santos. Assim, mantinham sua religiosidade ativa, podiam fazer suas danças e cantos sem que os espanhóis desconfiassem de nada.

Oshún es dueña del amor, la riqueza, y el embarazo. Por eso cuando mi hija quedó embarazada fui a llevarle su calabaza. Es nuestra patrona, yo pienso que es una figura venerada por todos los religiosos y por todos los cubanos. Aquí las iglesias católicas se llenan con personas que también practican la religión afrocubana o más bien cubana.

Durante décadas, entre 1960 e1980, logo em seguida a revolução liderada por Fidel Castro e 'Che'Guevara, manifestar-se como religioso em Cuba representava um estigma social fazendo com que as pessoas que professassem abertamente sua fé fossem marginalizadas e, em algumas situações, poderiam ser expulsas do seus locais de trabalho e das escolas universitárias. As igrejas ficaram vazias e foram proibidas as procissões religiosas. A Constituição de 1976 estabeleceu um estado ateu.

No entanto, em 1992, a Constituição foi modificada para converter a ilha em um estado secular. Com essa medida, aos poucos as pessoas que manifestam sua fé foram admitidas no seio do Partido Comunista e as igrejas voltaram a ter fiéis. O culto a Virgen de la Caridad del Cobre voltou às ruas e às igrejas.

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

Cuba, 2014

3.2. Brasil: Virgem Aparecida, mãe do céu, morena!

A formação populacional do Vale do Paraíba - região situada entre a capital de São Paulo e a divisa com o estado do Rio de Janeiro - tem início no final do século XVI, quando os primeiros sertanistas deram entrada na região para o reconhecimento de terras. As trilhas feitas pelos índios, Tapuias, Tupis, Guaranis, Puris e outras tribos e o leito do Rio Paraíba foram bons caminhos para os desbravadores.

Seguiram-se depois as primeiras concessões de sesmarias. A primeira foi concedida a Jaques Félix, na região do Rio Una, para onde se transferiu com toda sua família. Félix fundou, em 1636, o povoado de São Francisco das Chagas de Taubaté. Seguiram-se os povoados de Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Jacareí.

A Vila de Guaratinguetá, situada no caminho entre Minas e o mar, foi muito beneficiada pelo ouro, a partir de 1865. A vila era passagem obrigatória das caravanas de migrantes e das tropas que transportavam ouro e mercadorias da região de Ouro Preto, em Minas Gerais, para o porto de Paraty, no Rio de Janeiro.

No ano do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, Minas Gerais e São Paulo pertenciam à mesma Capitania e eram governadas pelo mesmo governador. Por causa dos levantes e dos conflitos por causa do ouro na região do Rio das Mortes, em Minas, o governador da Capitania residia em Ribeirão do Carmo (hoje, Mariana) e governava de Vila Rica (hoje, Ouro Preto).

Em 1716, foi nomeado Capitão-Mor Dom Pedro de Almeida e Portugal, conhecido como Conde Assumar, que governou as capitanias de São Paulo e Minas até 1721.

O Conde de Assumar chegou ao Rio de Janeiro em junho de 1717, partindo no mesmo mês, por mar, para Santos e depois São Paulo, onde tomou posse do governo das duas capitanias em 04 de setembro.

Em 27 de setembro de 1717, o Conde Assumar inicia sua viagem histórica de São Paulo a Minas, onde residiria até 1721. No dia 13 de outubro do mesmo ano, o Conde chega a Pindamonhangaba, permanecendo até o dia 16. Em seguida, dirigiu-se a Guaratinguetá.

É nesse momento, para a recepção e alimentação do Conde, que acontece a pesca 'milagrosa' da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Segundo relato do Livro do Tombo da Paróquia de Guaratinguetá, só escrito em 1757, todos os pescadores da região foram convocados para prover todos os peixes para os banquetes e refeições feitas para o governador.

> No ano de 1719, pouco mais ou menos, passando por esta Vila para Minas Gerais, o Governador delas e de São Paulo, o Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, foram notificados pela Câmara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudessem haver para o dito governador. Entre muitos foram a pescar Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso com suas canoas. E principiando a lançar suas redes no Porto de José Correia Leite, continuaram até o porto de Itaguassu, distância bastante, sem tirar peixe algum. E, lançando nesse porto, João Alves a sua rede de rasto, tirou o corpo da Senhora, sem cabeça: lançando mais abaixo outra vez a rede tirou a cabeça da mesma Senhora, não sabendo nunca quem ali a lançasse. Guardou o inventor dessa imagem em tal ou qual pano, e continuando a pescaria, não tendo até então tomado peixe algum, dali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que receoso, e os companheiros de naufragarem pelo muito peixes que tinham nas canoas, se retiraram a suas vivendas, admirados deste sucesso.[3]

Após o encontro da imagem e da pesca abundante, o pescador Felipe Pedroso levou a imagem para sua casa e a conservou em um oratório por quase uma década. Em seguida, a imagem foi levada para perto do Porto de Itaguassu, onde foi construído um pequeno oratório, com um altar de paus, onde a vizinhança se ajuntava, aos sábados para rezar o terço e demais devoções.

---

[3] *AGUIAR, Pe. J. de M. Relato do encontro da imagem. Livro do Tombo da Paróquia da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, 1757 a 1873, P. 98-99.*

Conhecendo as circunstâncias da pesca da imagem, os devotos começaram a invocá-la sob o título de 'Senhora Aparecida', como aquela 'Senhora' e 'Mãe de Deus' que aparecera. (BRUSTOLONI, 1998, p.51).

Em uma dessas reuniões, segundo narrativa do livro do Tombo, as velas de cera se apagaram e acenderam novamente sem interferência de nenhum dos presentes. Outros acontecimentos relatados pelos frequentadores do pequeno oratório se espalharam pela região e chegaram até o vigário de Guaratinguetá, Pe. José Alves Vilela, que permitiu a edificação de uma pequena capelinha, que depois foi demolida, dando lugar a igreja hoje conhecida como Basílica Velha.

Para o padre e historiador Júlio Brustoloni, a rápida expansão do culto à Nossa Senhora Aparecida pode ser considerado como o fato mais extraordinário acontecido após o encontro da imagem.

> Cerca de 20 anos depois do achado da imagem, a devoção já se espalhara pelas Províncias de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, chegando logo depois para o Centro-Oeste e para o Sul do País. Em 1750, os missionários jesuítas afirmavam que os peregrinos vinham até o Santuário, recém-fundado, de lugares muitos distantes, sem determinar a região de onde vinham. Em 1754, entretanto, aparece pela primeira vez um processo de casamento da cidade de Curitiba, que de lá vinham pessoas em peregrinação até o Santuário. É portanto a notícia mais antiga que temos. (BRUSTOLONI, 1998, p. 53).

A Basílica de Nossa Senhora, até a primeira metade do século XX, reinava absoluta na paisagem de uma cidadezinha típica do interior do estado de São Paulo. Era uma igreja modesta, porém com um movimento de peregrinos que superava diversos outros santuários espalhados pelo mundo todo. A cada ano, o movimento aumentava por causa da divulgação dos milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida e, principalmente, pelo avanço tecnológico dos meios de transporte e comunicação.

O ciclo do café no Vale do Paraíba, a partir de 1840, traz uma fase de grande prosperidade e desenvolvimento para a região. A implantação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1877, e a inauguração da Estação de Aparecida do Norte, no mesmo ano, contribuíram para a expansão do culto a Nossa Senhora Aparecida.

Com o passar do tempo, a devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi crescendo e o número de romeiros foi aumentando cada vez mais. A primeira Basílica tornou-se pequena. Era necessária a construção de outro templo, bem maior, que pudesse acomodar tantos romeiros. Sendo assim, teve início em 11 de Novembro de 1955 a construção de uma outra igreja, atual Basílica Nova.

A antiga Basílica foi substituída por um Santuário Nacional com capacidade para abrigar 70 mil peregrinos durante as celebrações e com uma área maior que a do Vaticano, na qual estão instalados diversos sanitários, Capelas das Velas, Sala das Promessas e até um Shopping Center.

Em 1980, ainda em construção, foi consagrada pelo Papa João Paulo ll e recebeu o título de Basílica Menor. Em 1984, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) declarou oficialmente a Basílica de Aparecida: Santuário Nacional; "maior Santuário Mariano do mundo".

Em 2015, o número total de peregrinos que visitaram Aparecida chegou a mais de 12 milhões.

A festa da Padroeira do Brasil já foi celebrada em diversas datas: dia da Imaculada Conceição (08/12); 5º domingo após a Páscoa; 1º domingo de maio (mês de Maria); 7 de setembro (Dia da Pátria).

Em sua assembleia geral de 1953, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), determinou que a festa fosse celebrada, definitivamente, no dia 12 de outubro de cada ano. Essa data foi escolhida por haver associação com a data do Descobrimento da América.

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2014

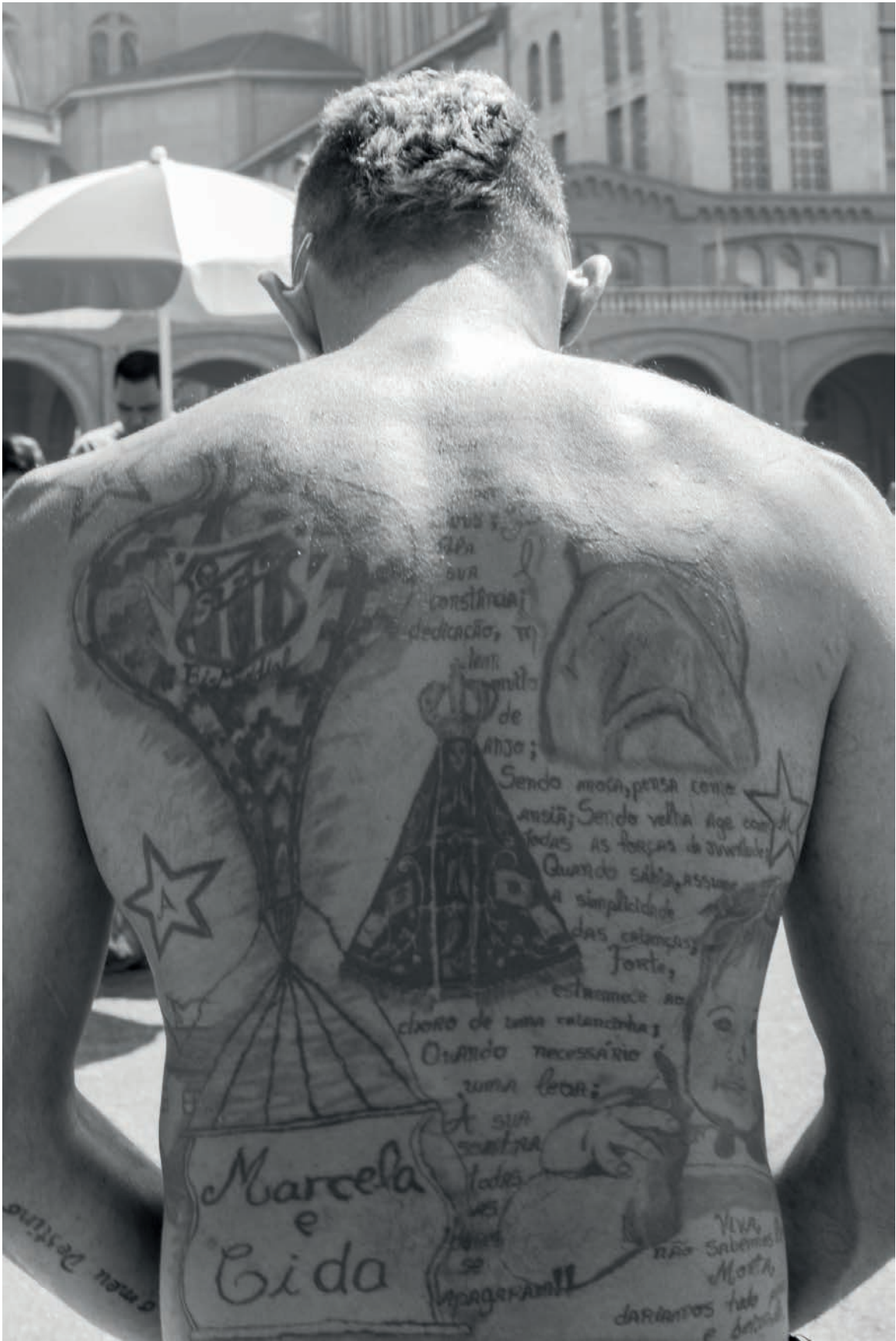
Brasil, 2013

Brasil, 2004

Brasil, 2004

Brasil, 2011

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

Brasil, 2015

3.3. Paraguai – religiosidade e sacrifícios
Tupasy Caacupé!

Muitas lendas existem em torno da origem da devoção à ‘Virgen de Caacupé’, que a cada ano atrai milhares de pessoas ao imponente santuário situado a 50 km de Asunción, capital do Paraguai. Uma das mais conhecidas é a que tem como protagonista um índio Guarani que, após suplicar à Virgem, se salvou da morte certa pelos índios Mbayá, povo rival dos guaranis.

Conta a história que os missionários franciscanos que haviam se instalado no lugar que hoje é a cidade de Tobatí, haviam ensinado aos índios Guaranis trabalhar com a madeira e a entalhá-la. Um dos membros dessa comunidade era José, um excelente entalhador que um dia adentrou a floresta procurando madeira para trabalhar.

Entusiasmado pela variedade de árvores que encontrava pelo caminho, José se afastou muito de sua aldeia. De repente, avistou um grupo de índios da etnia Mbayá, inimigos mortais dos Guaranis, que estavam caçando na floresta. José se deu conta do perigo que corria se os inimigos o descobrissem e encomendou à Santíssima Virgem, tão venerada pelos franciscanos, que salvasse sua vida.

Escondido atrás do tronco de uma árvore, José já se dava por morto. Desesperado, implorou à Virgem e prometeu que se não morresse iria entalhar uma imagem da Virgem no tronco da mesma árvore que lhe serviu de esconderijo.

Os Mbayá, inexplicavelmente, passaram junto a José sem vê-lo e sem sequer ouvi-lo. A lenda assegura que o índio se tornou invisível ante os olhos dos ferozes caçadores que passaram pelo lugar. José pode, então, retornar seguro aos seu povoado.

Dias depois, o índio, agradecido, voltou ao bosque e trouxe o tronco da árvore onde havia se escondido. Os relatos que havia escutado dos sacerdotes franciscanos foram guiando suas mãos até dar forma a duas estátuas de Nossa Senhora da Conceição. A imagem maior ficou em Tovatí e a menor, feita para ser venerada em um oratório familiar, foi levada a Caacupé.

Não há documentos que comprovem a descrição do que aconteceu ao índio José, porém, o fato parece ter acontecido entre 1582 e 1600, pois os franciscanos Frei Alonso de Buenaventura e Frei Luís de Bolaños andavam nessa época doutrinando em Altos, Tovatí e Atyrá, na serra de Ytirusú.

No ano de 1603, o lugar conhecido como vale de Pirayú foi inundado em consequência da cheia do lago de Tapaikuá. Os habitantes, desesperados, chamaram o missionário franciscano frei Luis de Bolaños, famoso por operar alguns milagres na região.

O Frei foi até o local da catástrofe e, na presença de uma multidão atônita, mandou que as águas se acalmassem. E assim se fez. As águas, então, começaram a baixar e o vale recuperou seu aspecto anterior. Então aquele lago passou a se chamar Ypakaraí (fim da água que foi benta), como é conhecido até hoje.

Enquanto o frei dava graças a Deus, os habitantes do povoado se aproximaram das margens do lago e observaram um objeto flutuando sobre as águas, impulsionado por uma brisa suave, até a praia.

Um dos presentes lançou-se às águas e recolheu o objeto misterioso, trazendo-o até a praia. Era um cofre de couro em forma cilíndrica. Quando abriram o recipiente, um grito de júbilo ressoou por todo o Vale: Uma imagem milagrosa! Uma imagem da Santísima Virgem. Então, do pequeno cofre tiraram uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, artisticamente entalhada.

Crê-se que o índio que esculpiu a imagem tenha se afogado nas águas da inundação e que, por isso, nunca tenha voltado para reclamar a posse da imagem, enquanto o cofre, que era de couro, pode flutuar e manter a imagem da Virgem a salvo.

A imagem foi entregue, então ao índio que a resgatou das água, também de nome José, que a levou para casa a fim de cuidar dela. Esse mesmo índio foi incumbido foi incumbido de construir uma vila de casas pois o povoado estava crescendo e muitos outros índios,

de aldeias amigas, foram agregados a esse povoado.

José se mudou, então, com sua família e alguns trabalhadores para um local a aproximadamente 1,5 quilômetros da atual localização da cidade de Caacupé, ao lado de uma fonte de água cristalina, a qual foi dado o nome de Tupãsy-ykuá (poço da Virgem).

No canteiro de obras, José ergueu uma casa para sua família e uma capela com um oratório para a imagem da Virgem, considerado o primeiro santuário pra sua veneração. Imediatamente, a capela se tornou local de peregrinação e veneração da Virgen de Los Milagros.

José faleceu em 1650, mas sua mulher e depois seu filho e os filhos dele, mantiveram a capela e o oratório para a imagem até 1750. Nessa época, a imagem é entregue a família Aquino, de Caacupé, que teria a obrigação de construir uma igreja maior para a Santa. Como não tinha condições de cumprir a missão, passa a tomar conta da imagem a senhora Juana Curtido de Gracia que, em 1765 faz uma doação pública de uma grande área de terra para ali ser construída a igreja.

A construção da igreja foi iniciada em abril de 1770. Durante esse período, a imagem foi mantida em culto público em um oratório provisório construído a 500 metros da igreja atual.

O vilarejo da Capela dos Milagres, que foi se desenvolvendo no Vale de Ka'akupé, ao redor da capelinha onde se venerava a Virgen de Los Milagros, recebeu em 10 de outubro de 1769 a designação de vice-paróquia, agregada à paróquia de Piribebuy. Em 1770, elevada à categoria de povoado, centro de religioso, dá-se a fundação oficial de Caacupé. Durante a guerra contra a Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), a igreja foi saqueada por tropas brasileiras depois da batalha de Acostañu. Nessa época, a igreja contava com valiosas doações em dinheiro e joias, inclusive uma coroa de ouro, doada pela irmã do Marechal Francisco Solano López, que comandou o Paraguai na citada guerra. Depois desse ocorrido, os devotos e a população do povoado começaram a pensar na construção de uma nova igreja no mesmo lugar ou em outro local próximo. A atual igreja, construída no mesmo local da anterior, já foi várias vezes ampliada e reformada.

Não há dados oficiais sobre o número de visitantes nos dias da festa, nem tão pouco a assessoria de imprensa do santuário sabe informar os dados do templo. Estima-se que pelo menos um milhão de peregrinos visite o Santuário no mês de dezembro, durante o período da novena e da Festa, que acontece no dia 08, dia de Nossa Senhora da Conceição.

Nos dias de maior visitação, 7 e 8 de dezembro, é muito comum as pessoas dormirem nas praças e ruas ao redor do Santuário, e até mesmo dentro dele.

Os serviços sanitários são muito precários, poucos banheiros públicos, muitos comerciantes ao longo das avenidas e praças, muitas crianças vendendo velas e alimentos. A diocese oferece ao peregrino, os serviços religiosos e as dependências do templo para acomodação dos chegam a pé, exaustos e muitas vezes com os pés feridos e o corpo desnutrido.

Apesar de estar situada em um local de paisagem agradável e montanhas repletas de florestas, Caacupé é uma localidade pobre e com poucos recursos financeiros. As casas são simples e o comércio é primário. Essa realidade não é diferente do restante do país, mergulhado em uma crise econômica que se mantém há décadas e assolado por governos ditatoriais ou corruptos.

A pobreza também pode ser percebida pelas inúmeras crianças que vendem velas, lembranças e outros artefatos nos arredores do Santuário, desde as primeiras horas da manhã até o fim da noite. São parte da população que não recebe nenhuma assistência do estado e suas famílias são obrigadas a aproveitarem a época da festa para garantirem alguma renda para os meses seguintes.

É possível perceber que as crianças passam o dia e a noite na praça principal da cidade, sem se alimentar corretamente ou, ao menos, tomar um banho e trocar de roupa. Muitas estão com as famílias, que também vivem a mesma situação.

Em meio a essa população também estão os índios guaranis, excluídos e marginalizados, sem terras demarcadas e sem trabalho, que fazem da mendicância e da venda de pequenas peças artesanais uma fonte de sustento para suas famílias.

Paraguai, 2006

Paraguai, 2006

CAACUPE

Paraguai, 2006

Paraguai, 2005

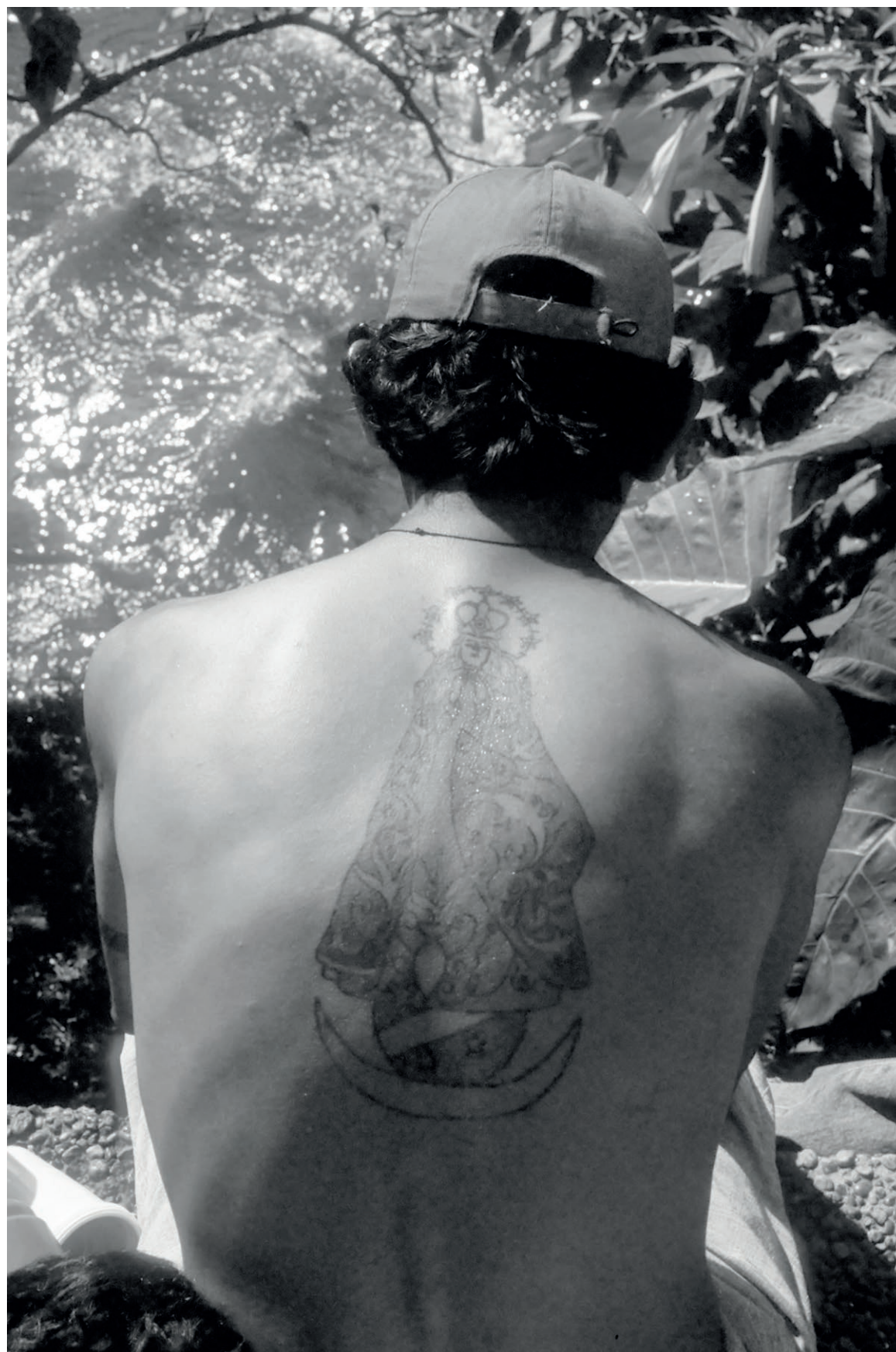
Paraguai, 2005

Paraguai, 2005

Paraguai, 2005

Paraguai, 2006

Paraguai, 2006

Paraguai, 2005

Paraguai, 2005

3.4. Sursum Corda (Corações ao Alto)

Diversas passagens bíblicas citam as crianças como exemplo para os adultos conduzirem suas vidas com retidão e pureza de coração, como no Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículos de 13 a 16. *Alguns traziam crianças a Jesus para que ele tocasse nelas, mas os discípulos os repreendiam. Quando Jesus viu isso, ficou indignado e lhes disse: "Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele". Em seguida, tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou.*

No catolicismo popular, os anjos representam nossa ligação com o divino, nossa defesa contra o mal, e a ingenuidade e a pureza dos corações das crianças que representam a maior expressão de devoção e entrega que se pode observar nos eventos religiosos. Elas significam a continuidade da devoção e a esperança de mudança que o futuro nos traz.

Na difícil realidade econômica e social da América Latina, os pequenos são os que mais sofrem. Sofrem pela pobreza, pelo abandono, pela violência e pela falta de perspectiva de um continente mais justo e solidário.

O olhar singelo e a gratuidade do sorriso revelam a verdadeira grandeza desses pequeninos e nos indicam que nos gestos mais simples está a verdadeira oração. Nenhum texto ou sacrifício pode ser igualado à pureza e generosidade dos gestos das crianças.

Nos santuários, nas mais diferentes manifestações e eventos religiosos, as crianças aparecem vestidas de anjos representando a manifestação do sagrado e a obrigação que temos de buscar a simplicidade e a justiça em todos nossos atos.

Muitas dessas crianças não terão um futuro tranquilo nem uma vida fácil após saírem dos Santuários e voltarem para suas casas. Muitas sequer chegarão à adolescência. Talvez esse seja o maior pecado do qual tenhamos que nos redimir em nossas peregrinações e penitências.

Contudo, as crianças, vestidas de anjos ou com roupas típicas de grupos religiosos ou folclóricos, presentes nos momentos de celebração, penitência e contemplação permitem aos devotos, observando a figura singela e pura que elas representam, sentirem-se acolhidos e ligados a Deus, pois seguiram as palavras de Cristo e valorizaram os pequeninos.

Os pequeninos carregam em seus sorrisos e espontaneidade muito do que nós, adultos, deixamos no passado. Em cada sorriso, em cada olhar, em cada gesto representado nas mãozinhas postas em oração ou nas indumentárias representativas do tempo ou do estado de graça, é possível identificar o sentimento religioso mais espontâneo e puro. Um sentimento que ultrapassa qualquer forma de interesse ou atuação teatral, mesmo que seja essa a situação.

A tradição religiosa e a perpetuação de um catolicismo popular originário da repetições dos ritos e dos ensinamentos legados de geração em geração estão intimamente ligados à participação e vivência das crianças nos atos de fé, nas celebrações e demais manifestações em busca do sagrado.

O esforço da integração latino americana e as mudanças sociais e econômicas que necessitamos encontram nas crianças o fitiro que muitas vezes não conseguimos visualizar com olhos cansados e discrentes. Caberá a elas a árdua tarefa de percorrerem caminhos tortuosos e penitentes antes de, deixarem a infância, tornarem-se adultos replestos de ansiedade, dúvidas e compromissos.

Aqueles que hoje refletem a pureza e a gratuidade, amanhã verão em seus herdeiros de fé a mesma luz que alimenta a continuidade e a perpetuação daquilo que acreditam, vivem e crêem.

Francisco

Considerações finais

A história da América Latina foi e continua sendo forjada por lutas pela libertação, inclusão e contra a dominação de estrangeiros e colonizadores. Somos miscigenados e diversos, plurais e particulares, expoentes e excluídos. Resultado disso é que a cultura latino-americana sempre será sujeito de estudos e pesquisas, teorias e reflexões. Independente das raízes religiosas - catolicismo, judaísmo, protestantismo, candomblé, santeria ou qualquer outra denominação - é evidente em toda a América Latina uma religiosidade que transcende as barreiras de idioma e espaço geográfico.

Ao iniciar essa pesquisa, já estava consciente de que poderia encontrar elementos, situações e acontecimentos religiosos que forneceriam um rico universo de manifestações religiosas e devoções diversas que me permitiriam estabelecer uma real integração da América Latina a partir de uma visão que levasse em conta a religiosidade de nosso povo. Essa expectativa consumou-se ao visitar os locais sagrados e os santuários, participar das celebrações e conhecer as pessoas que, em seus atos devocionais, fizeram-se presentes durante a trajetória para concluir o trabalho.

A religiosidade latino americana não é fruto apenas de um processo violento de colonização e imposição de uma religião oficial e civilizatória. Ela é fruto de toda a herança que carregamos em nossa formação, desde a era pré-colombiana. Nossos ancestrais, muito antes de Colombo pisar estas terras, já demosntravam sua religiosidade e sua devoção. Isso fez com que o Catolicismo em nosso continente assumisse uma forma própria e desafiadora. Nossa religiosidade é baseada em nosso sofrimento, em nossas angústias e no desejo de conseguirmos por meio dela a redenção de nossas faltas, confiantes que haverá uma recompena futura.

Todo esse sentimento religioso e suas formas de expressão nos gestos, na repetição dos ritos, nas encenações, nas imagens sofridas das chagas de Cristo, das dores de Nossa Senhora, dos penitentes e dos redimidos mesclam-se à generosidade das doações e das contribuições para a construção de grandiosos e suntuosos templos, aceitos e dignificados como locais de encontro com o sagrado e renovação da fé.

Essas marcas, presentes em todo o continente americano, e não só na América Latina, são facilmente identificáveis no cotidiano das áreas rurais ou nas grandes metrópoles. E vão desde às visitas e peregrinações aos templos até os atos particulares realizados nas residências ou nos objetos, tatuagens e adereços pessoais, carregados de simbolismo e representação do sagrado.

Os países latino-americanos possuem muitos mais pontos em comum do que a religiosidade. No entanto, esse aspecto da cultura é, talvez, o mais evidente que podemos perceber no cotidiano das casas e das celebrações religiosas.

Mais que uma integração cultural, a religiosidade é fonte de força e perseverança para esse povo sofrido e marginalizado que resiste às durezas de uma vida marcada pelas lutas e sacrifícios que já duram mais de 500 anos. Em todos os lugares visitados, devido às condições econômicas precárias e alto índice de marginalização, a população sente na religião um alívio para suas misérias, violência e abandono.

Nas dores de Nossa Senhora, no sofrimento de São Lázaro, na piedade de Pe. Cícero e na humildade de São Francisco, entre outras devoções tão significativas e importantes para nosso povo, os peregrinos encontram a semelhança de suas vidas. Na intercessão de Maria, apelam para a misericórdia divina. No clamor ao Pe. Cícero, rogam pelo fim das misérias e pela compaixão de Deus, na figura de São Francisco, clamam por justiça e solidariedade. No entanto, maioria dos peregrinos afirmam, em conversas informais durante a pesquisa, que têm muito mais a agradecer do que pedir. São abnegados e resignados em aceitar que a intervenção da Mãe de Deus e dos Santos é uma poderosa aliada na busca pela redenção das almas e na conquista de dias melhores nesse mundo.

A metodologia e o roteiro de pesquisa visavam estabelecer pontos em comum levando em consideração apenas os estudos antropológicos, históricos, fenomenológicos e sociológiccos, e algumas considerações sobre fotografia e memória. Isso não foi suficiente para traduzir em uma pesquisa as riqueza e a diversidade das devoções presentes nos países visitados.

A produção das imagens de fé e devoção revelaram-se muito mais proveitosas para essa análise do que a formulação de mais um texto científico, repleto de citações e distante dos corações e sentimentos dos peregrinos que se dirigem aos milhares percorrendo os caminhos que levam aos importantes santuários na América Latina.

Nesse aspecto, a fotografia cumpre um importante papel na documentação e divulgação de elementos que compõem nossa identidade e nos ajuda a perceber de um modo mais objetivo e de fácil compreensão esse universo de sentimentos e necessidades presentes nos templos e seus arredores, bem como as celebrações e a mistura de fé, resignação, agradecimento e esperança presentes nos rostos, nos olhares, nas vestes, nas penitências, nos símbolos e objetos sagrados.

Em um trabalho como este, o registro documental feito com as fotografias dessas manifestações devocionais e do momento da contemplação ou do êxtase de sentir-se ligado ao sagrado, tem um grande valor. E a fotografia é um intrigante documento visual, cujo conteúdo é, a um só tempo, revelador de informações e detonador de emoções.

Oriundos de uma mesma matriz religiosa, brasileiros, cubanos, paraguaios e tantos outros povos de nosso continente buscam na devoção religiosa, particularmente aquelas ligadas ao Catolicismo, a redenção de suas mazelas e a esperança da construção de futuro melhor, mais justo e solidário.

As semelhanças devocionais e religiosas, bem como a maneira como são expressadas pelos peregrinos constituem um valioso campo de estudo para entendermos um pouco mais sobre a formação de nossa cultura e o prejuízo que temos em não nos integrarmos como um continente que, mesmo separado pelo idioma, mantém as raízes de sua colonização histórica e religiosa.

As imagens captadas durante a vivência nos Santuários e demais locais religiosos revelam que a integração religiosa já existe. Só não a conhecemos porque os veículos de informação e as instituições acadêmicas ainda não se preocuparam em investir na divulgação e investigação desse fenômeno.

Com a conclusão deste trabalho, uma pequena lacuna poderá ser preenchida nesse processo de auto-conhecimento que devemos nos esforçar para realizar em toda a América Latina.

Não é a pretensão deste autor esgotar o assunto, até porque a limitação de tempo e dedicação não proporcionaram a produção de uma pesquisa mais aprofundada e participativa diante das inúmera realidades que compõem todo o cenário religioso e cultural do continente latinoamericano.

A tarefa torna-se ainda mais árdua quando é preciso fazer a edição das imagens pensando no espaço e na linha metodológica a ser seguida. A limitação obriga o desprendimento. De tudo que foi visto e fotografado, muito pouco é possível exibir.

Contudo, a realização deste trabalho impulsiona o desejo de prosseguir no caminho de conhecer, vivenciar, sentir, ver com olhos livres e procurar entender um pouco mais de complexo, rico, diverso, enigmático e fundamental processo de formação e identidade da América Latina.

Referênmcias

ACHA, J. **Definición latinoamericana de las artes** in Revista Arte e Cultura, São Paulo, ano 1 número 1 – 1990.

ADES, D. **Arte na América Latina**. São Paulo, Cosac & Naify, 1997, 366 pág.

ANDRADE, J. **História da Fotorreportagem no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANDRADE, R. **Fotografia e Antropologia-olhares fora-dentro**.São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ARTECONA DE THOMPSON, M. L. **La flor del maíz: Calendario escolar paraguayo**, 1992.

BARATA, M. in ZANINI, W. **História geral da arte no Brasil**. Vol. I. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982

______. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASSIT, J. **Imagens fiéis**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

BAZÁN, F. **Aspectos incomuns do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2002.

BISINOTO, E. **Maria, padroeira da América Latina e suas invocações**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2002.

BRUSTOLONI, J. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida** (10ª edição). Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

CACCIAMALI, M. C., BANKO, C. & KON, A., **Los desafíos de la política social en América Latina**. Caracas: PROLAM/USP, UCVe, PUCSP, 2002.

CALLADO, A. in FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003, 385pág.

CATTIN, Y. **A regra cristã da experiência mística**, in Concilium/254, 1994.

COELHO NETTO, J. **Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo**. São Paulo, Brasil: Editora Perspec-

tiva, 1980.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo:Companhia das Letras.1996.

DEL NERO, H. **O sítio da mente, pensamento, emoção e vontade no cérebro humano**. São Paulo, Collegium Cognitio, 2002.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989

DUSSEL, H. (org.). **500 anos de história da igreja na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1992

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

______. Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

______. História das crenças e da idéias religiosas. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

______. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOTOJORNALISMO – **Retrospectiva 1999**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FREUND, G. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1993.

GALIMBERTI, U. **Rastros do Sagrado**. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

GRÜN, A. **A proteção do sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KAGAN, M. **A arte no sistema da atividade humana** *in* Revista Arte e Cultura da América Latina. V IX nº 02. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

KEENE, M. **Fotojornalismo – guia profissional**. Lisboa: Dinalivro, 2002.

KOSSOY, B. **Fotografia e história** (2ª ed. revista). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPES, J., MARCELO, J. e SILVA, D. **Aparecida – Devoção Mariana e a Imagem Padroeira do Brasil**. São Paulo: Cultor de Livros, 2014.

MARTINS, J.S. **A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil**. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados. Vol. 16, nº 45. São Paulo: IEA, 2002.

MELLO, A. **Sá Mariinha das três pontes – aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha**. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.2001.

MORIN, Edgar. **O método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa – América, 1991.

PAULA, J. **Imagens construindo a história**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

RAMPAZZO, L. **Antropologia, religiões e valores cristãos.** São Paulo: Paulus, 2014.

RESTREPO, L. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil** (2ª edição). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, J. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SOUZA, W. **Moda inviolada: uma história da música caipira**. São Paulo: Quiron, 2005.

TORRES, D. M. G. **Folklore del Paraguay**. Asunción: Servi Libro, 2003.

VALLA, V. (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

VILCHES, L. **Teoría de la imagen periodística** (2ª reimpresión). Barcelona: Paidós, 1997.

ZÚÑIGA, O. **La virgen de la Caridad del Cobre - Símbolo de cubanía.** Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2011.